
REVISTA DA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS

— SUMARIO —

- I — PAGINA RETROSPECTIVA — Zozimo Lima
- II — A CONFIDENCIA TERRIVEL — Magalhães Carneiro
- III — HOMENS E FATOS ESQUECIDOS — Zozimo Lima
- IV — VERSOS — Pires Wynne
- V — CRISE DE MAGESTADE — Costafilho
- VI — EXCLAMA O TABAREU SERGIPANO — Oliveira Teles
- VII — TRIBUNA FORENSE — Costafilho
- VIII — TELA BOQUINHENSE — Goes Duarte
- IX — O PERU E O BACURAU — Santos Melo
- X — ASPECTOS SOCIAIS — Florentino Menezes
- XI — OLAVO BILAC — Exupero Monteiro
- XII — NOÇÃO DE TEMPO — Santos Melo
- XIII — ARACAJU — Silva Ribeiro Filho
- XIV — OS NOMES ACADEMICOS — Redação
- XV — LINGUA BRASILEIRA? — Pedro Machado
- XVI — PALMEIRA — Claudio Tulio
- XVII — IN EXTREMIS — Olavo Bilac
- XVIII — INSONIA — Exupero Monteiro
- XIX — SEU JOAQUIM — Pires Wynne
- XX — DR. EDUARDO MAGALHÃES — Epifanio Doria
- XXI — ESPIRITO SINGULAR — Pires Wynne
- XXII — VERSOS — Pires Wynne
- XXIII — A BLAGUE DA DESCOBERTA — Costafilho
- XXIV — LITERATURA EPISTOLAR — Liberio Monteiro
- XXV — “ “ — Dunshee de Abranches
- XXVI — O CONCLAVE DAS ACADEMIAS — Redação
- XXVII — DES. EDISON RIBIERO — Fotografia
- XXVIII — PROF. DR. COSTAFILHO — Fotografia
- XXIX — ATAS — Da Academia

Página retrospectiva

O meu contacto com Fabio Montenegro, poeta paulista que morreu na flôr da idade, não precedeu do luxo hypocrita de apresentação protocollar,

Uma noite, ao jantar, numa sala de pensão, entre sulistas e nortistas, cheio de saudades eu me puz a contar com exagero as bellezas naturaes e — porque não? — artificiaes de minha terra.

O esplendor das nossas noites de luar, a suavidade do favonio norte a soprar nas tardes estivaes, o silencio mysterioso e impressionante dos nossos bosques e florestas, a tormentosa caudal dos nossos rios, a meiguice e donaire incomparaveis das nossas damas e donzellas, tudo eu decantei em clave alta, com hyperbolica entonação para impressionar os circunstantes.

Fabio, que era um contemplativo, quase mystico, esfregando as mãos de instante a instante, gesto que era muito seu, sorria amavelmente para mim, como que implorando a continuação da minha narrativa pinturesca.

A minha facundia encachoeirada e inesgotavel não causara aversão ao paulista cauto e reservado.

Sempre houve, entre certa casta de nortista, aliás sem justificativa, a presumpção de que os descendentes bandeirantes indistinctamente são orgulhosos e egòlatras.

Esse conceito do brio que imputamos aos paulistas é erroneo, sobretudo injusto.

Muitos valores intellectuaes nascidos cá no norte teriam se ofuscado para todo o sempre se não fossem em busca dos centros de cultura de S. Paulo.

Fallem por mim os que lá se encontram, idos daqui, como magnatas da fortuna, ou arrastando as dalmaticas fulgentes da realeza intellectual.

Mas... prosigamos.

Aquella noite do nosso primeiro encontro, o estheta paulista não olhou de esguelha, com tregeitos escarninhos, — o que é muí commum nestes instantes, — para o mancêbo bairrista, apparentemente doídivanas, de jovialidade transbordante, que a outro pareceria estar exalçando a sua longinqua terra para collocar a que lhe hospedava em plano inferior.

Ao terminar a minha parlenga rumorosa, entre gargalhadas e amplexos dos alegres circunstantes, Fabio já se apoderava com eternecida manifestação de sympathia da minh'alma sempre aberta á invasão dos que têm de sobra a essencia da bondade e da belleza espiritual.

Desse poeta admiravel, de individualidade artistica pouco conhecida nos círculos culturaes espalhados pelo norte, eu transcrevo os versos, para amostra, que me chegaram ás mãos por intermedio de Alvaro Augusto Lopes, intellectual que se lhe assemelha no engenho, para que se possa aquilatar do poder conceptivo do seu estro:

A ARVORE

Hirta, negra, espectral, chora talvez. Responde seu proprio choro, á voz do vento que a fustiga, ella que ao sól floriu, floriu ás chuvas onde a paz é santa, o campo é doce, a noite é amiga.

Essa que esconde a chaga, essa que a historia esconde,
que conhece a bonança e a borrasca inimiga,
já foi flôr, foi semente, e, sendo arbusto, a fronde
ergueu para a amplidão ás aves e á cantiga.

Que infinita tristeza o fim da vida encerra
a quem já pompepu do sol na própria luz
as flôres para o céu e a sombra para a terra!

Foi semente, brotou... Arvore transformada,
sorriu em cada flôr, e, hoje, de galhos nús,
velha, aguarda a tortura estúpida do Nada.

Vejamos, agora, estoutros, ricos de idéas, de ry-
thmos e rimas, tão differentes dessa versalhada que nos
inpíngem alguns incultos vanguardistas da tal "esco-
la-nova"

POEMA DA TERRA

O lavrador é um poeta. O arado a pena. Doura
o campo que é o seu livro, o sol quente da rima.
O Genio lavra. A idéa amplia. A alma enthesoura
e a seiva estúa e ferve, e a vida esponenta e anima.

O adusto e negro chão, ermo de asas em cima
treme em partos depois; a cabeleira loura
da seara fulge, augmenta e se desdobra, opima
na transfiguração gloriosa da lavoura.

Terra fecunda e bôa, immacula e sonóra,
no teu ventre a semente attrae, no mesmo anseio,
o silencio da noite e a alleluia da aurora!

E' o poeta que te ergueu, e que te ama em ardores
supremos, vive em tí, nas aves, no teu seio,
recebendo o penhor dos fructos e das flôres.

* * *

EN MEMORIA MORTUI SODALIS !

Partiram-se para sempre as cordas do plectro

6 Revista da Academia Sergipana de Letras

sonoroso do meu suavíssimo Fabio Montenegro, mas como que inda ouço, por estas tardes lindas de verão, a musica dos seus versos soluçar na folhagem das arvores que enfestonam os nossos parques e vibrar na garganta dos nossos menestreis aládos.

ZOZIMO LIMA

A Confidencia Terrível

Magalhães Carneiro

A certa hora da noite a faina do grôso da marinhagem a bórdo parecia haver terminado. Pôsto ao largo e a caminho, o pequeno paquete rasgava firmemente as aguas do oceano, levemente aclaradas então por uma lua nascente talhada em mingunte e pouco luminosa.

O movimento que, após o jantar, se fizera no salão do vapor e se prolongara noite a dentro, se acabara de todo, sumindo-se os ultimos passageiros quando a orquestra, já sem aplausos, finalizando o programa, bisava uma marcha popular muito linda.

A'quela hora, debruçado da amurada a boréste, proximo á escotilha de prôa, o velho Nicolau, mestre de bórdo, fitava a linha dura e fugtiiva da costa fronteira debuxada muito ao longe pelos clarões ainda frageis da lua despontante. Fitava a linha dura e fugitiva da costa longinqua, devendo existir em seu olhar, nesse instante, a meiga expressão de ternura e de saudade com que os velhos marinheiros do alto mar perdido, fitam as costas distantes — ante-camaras dos continentes fiéis...

— Terra afastada, terra que se fica... monologava

o velho Nicolau, quando pancadas na sineta do navio, sinal de quarto, arrancam-no áquela contemplação desanimadora. O velho marinheiro ergue-se na amurada e quando voltada sua vista dá em cheio em alguém sentado á escotilha, cabeça entre as mãos e apparencia de profundo abatimento.

— Eia! rapaz, sentes a cabeça vasia ou pretendes enjoar?! profere o velho Nicolau, enquanto o outro, erguendo a face murcha, responde com brandura:

— Nada, "seu mestre", coisas da vida. Coisas tristes da vida..

— Oh! és tu? perguntou o velho Nicolau reconhecendo o interlocutor.

— Sim, sou eu, "seu mestre" — e para nunca mais desembarcar.

O velho Nicolau chegou-se á escotilha, e sentou-se ao lado do companheiro abatido. Tirou o bonet e, bonancheirão, com ambas as mãos começou a agital-o.

— Para mim foi uma surpresa quando te vi de novo a bordo. Todos nós aqui sabiamos que tu te havias retirado da vida por uma vez. Tinhas economias e o mar, como tudo neste mundo, acaba infastando; disse Nicolau, talvez provocando ao outro as razões do seu reembarque.

— É verdade, "seu mestre"; é verdade que eu quíz fazer isso mesmo. Mas Deus ou talvez fosse o diabo me derrotou todos os meus planos. Aqui onde vosmicê me vê, "seu mestre", é para nunca mais desembarcar. Para nunca mais...

— Roubaram-te o dinheiro? perguntou Nicolau olhando de esguêlha o companheiro amofinado.

— Qual dinheiro, "seu mestre". A mim, aconteceu mas foi desgraça maior. Muito maior. É verdade que o Padre a quem procurei depois do meu infortunio, tranquilisou-me dizendo que a minha ignorancia tinha

me salvo a alma, mas a verdade é que ainda estou para aqui que não presto mais para nada. Que não presto mais para nada, ouviu vosmicê, "seu mestre?"

— Mas, afinal, rapaz?! proferiu Nicolau com impaciência, quando em resposta o outro, inopinadamente, disse: — Eu lhe conto o meu caso "seu mestre"; eu vou lhe contar.

E começou: Vosmicê sabe que vinte anos eu naveguei nos paquetes desta Companhia na linha da América. Fazia vinte anos que eu não vinha á minha terra, donde um dia saí para me livrar de certa mulher que eu amava. "Seu mestre" sabe que quando falta o recurso é como se faltasse até o ar para a gente respirar. Embarquei e deixei a mulher sem saber para onde eu ia. Agora, depois de tantos anos, depois de tanto tempo, havia de me dar na cabeça de eu voltar á terra com saudades nem sei mesmo de que. Nem pai, nem mãe, nem irmão... Mas voltei e estava resolvido a ficar por ali mesmo.

Fiz amizades e já pensava até em negociar empregando todo o dinheiro que eu possuía. Foi quando o Manoel Joaquim fez anos e eu, convidado, fui á festinha dele. Estava lá muita gente e, entre as mulheres, estava uma rapariguinha ainda nova que me simpatisou logo que me viu chegar.

Homem do mar e já idoso, "seu mestre", não pude fugir, todavia, á sedução daquela mocinha. Era uma coisa que eu não sabia explicar. Madruga-dinha, quando todos se retiravam, eu acompanhei a mocinha até á casa em que ela morava e lá dormi.

Ai, "seu mestre"! Manhã cedo, por volta das oito horas, já levantado, tomei o café que ela me preparara e me dispunha a sair quando a mocinha chegando-se á cabeceira da mesa, coitadinha! assentou-se em meu colo e se pôz a chorar.

Afaguei-a com a ternura própria dos homens maduros e do mar.

Meus lábios tremiam e dos meus olhos, olhos que nunca choraram, "seu mestre", uma aguilha borbulhou e desceu.

Nessa hora ela me disse que seu nome de batismo era Maria e pediu-me que a não esquecesse, que muito me ficára querendo. Jurou-me que não era má como as outras e que a sua única esperança neste mundo era encontrar uma proteção honesta que a libertasse da vida infame que era obrigada a viver. — "Eu tenho pai e tive uma mãe que morreu ha dez anos. Mas meu pai ingrato, foi-se embora sem ao menos esperar que eu nascesse", me disse ela choramingando.

E como eu apiedado lhe fizesse mais carícias, animada, disse ainda: "Mas apesar da má sorte eu não quero mal áquele que me fez nascer. Algum dia hei de encontral-o e serei a sua filha muito amada. E concluiu, agitada: O senhor quer ver o retratinho dele? vou buscar".

E foi, "seu mestre"; e voltou da camarinha para expor á minha vista assombrada o meu proprio retrato, tirado muitos anos atrás...

Homens e factos esquecidos

O douto escriptor sergipano M. dos P. de Oliveira Telles, ha pouco fallecido, escrevendo, em 1932, sobre a passagem do decimo lustro do fallecimento do muito reverendo conego Gonçaves Barroso, entre outros oradores sacros do seu tempo citava vagamente um padre Porto.

Esse Porto, outro não era, certamente, senão o sacerdote Francisco Porto, vigário da Capella.

Foi elle dos mais altos e eloquentes tribunos sacros do seu tempo, tendo a sua fama ultrapassado as fronteiras de sua freguezia.

Não ha quem desconheça, em Sergipe, entre homens, até o presente, de setenta annos, o nome do vigário Porto.

Foi elle, sobretudo, como frei Santa Rita Bastos, monge franciscano de Bahia, um bohemio incorrigivel.

Dentro da Igreja, no exercicio do seu sagrado ministerio, fazia-se respeitar; fóra, porem, era o farrista impenitente, dado á mangalaça, ao mulhero, á bôa pinga e ás sortidas nocturnas á cata de descantes pouco compativeis com a sua respeitavel investidura.

Na tribuna, no pulpito, ouvia-se-lhe a eloquencia turbilhonante de um S. João Chrisostomo.

Nos sermões de encontro, — ouvi de varios de seus contemporaneos, — fazia chorar as multidões.

Foi politico, tendo feito parte de Assembléa Legislativa de Provincia, onde, nos seus annaes, se encontram documentos comprovantes de sua brilhante actuação

Negligencia de familia concorreu para diffcultar ao biographo futuro a colheita de preciosos subsidios deixados no archivo do vigario Porto, quando este falleceu na villa de Gararú, onde se insulara gasto pela vida desregrada e intimos desgostos, perdendo-se, por isso, um elemento de raro valor, em plena maturidade, que poderia ser, sem favor, incorporado ao patrimonio intellectual da nossa Terra.

O vigario Porto descendia de familia originaria da velha Luzitania, aqui domiciliada, entrelaçada com ramos ethnicos aborigenes, possuidora de vasta escravatura e amplos latifundios. Familia abastada, afidalgada, senhora dos engenhos "Junco" "Oiteiro do Meio" "Campinhos", "Palmeira" e "Lavagam", tinha em cada uma ou duas dessas propriedades um membro sacerdote. Os padres dr. Manoel da Silva Porto, Gratuliano da Silva Porto e José Francisco da Silva Porto eram filhos de Capella, possuidores de bons haveres, prestigio na politica e... temperamento atrabiliario.

O padre Manoel da Silva Porto era doutor em Canones e Direito Civil, péla Universidade de Coimbra. Em 1828 tomava posse da cadeira de direito ecclesiastico na Faculdade de Olinda, chegando a director interino no anno de 1830, com a renuncia do titular effectivo, que se desaviera com a congregação.

Tendo, nessa interinidade, brigado com os seus collegas professores Manoel Ignacio de Carvalho e Lourenço Trigo de Loureiro, pediu exoneração do cargo de director da tradicional Faculdade em 1832. Nesse mesmo anno abandonou a cadeira de direito ecclesiastico para aceitar o cargo de Juiz de Direito da Comarca de Villa Nova, neste Estado, á qual pertencia o então termo de Capella.

Foi magistrado de cultura invulgar, mas de sentimentos partidarios rancorosissimos. Por questões politicas, em 1841, a 6 de Fevereiro, abusando da auctoridade do seu cargo, com a connivencia do vigario Gratuliano Porto, seu irmão, e do seu sobrinho padre Francisco Porto, coadjutor desse, o padre e juiz dr. Porto, assaltou a casa do Juiz de Paz de Capella, major José Alves Pereira, homem de pequena estatura mas de valentia inacreditavel, e, depois de um tiroteio de tres horas, conseguiu a rendição do seu implacavel e destimido adversario. Barbaramente trucidado este, o dr. Porto ordenou aos seus assecclas arrancassem, pelas costas, o coração de José Alves, para ver as dimensões daquelle orgão. Perseguido, depois preso e processado no governo do Barão de Muritiba, no anno de 1844, conseguira ser absolvido por interferencia de amigos politicos filia-dos ao Partido Conservador.

No importante esboço historico «A Comarca da Capella e sua vida judiciaria» do dr. João Dantas Martins dos Reis, encontra-se, em nota, referencia em torno desse tragico acontecimento.

Aos pesquisadores da verdade historica, áquelles que se empenham em arrancar do pó do esquecimento os episodios desenrolados em nossa terra, cabe a elucidação de factos desta ordem para conhecimento da posterioridade.

Descende, pois, como se vé, dessa familia, o vigario Porto, o notavel tribuno sacro de que tratei no começo destas notas, cujo nome jaz sepultado no esquecimento.

Salvemo-lo do olvido para integra-lo na galeria dos grandes sergipanos.

ZOZIMO LIMA.

Versos de Pires Wynne

SENHORA,
QUANDO UM PRESENTE
ALGUÉM RECEBE DE FLÔR,
DEVERAS FICA CONTENTE,
E NÃO SENDO INDIFERENTE
VAI LOGO UNS VERSOS COMPÔR.

O GONZAGA — INCONFIDENTE,
RAIMUNDO — O SANTO, E VICENTE
BOM POETA E BOM DOUTOR,
JUIZES — JULGAVAM GENTE.
POETAS, CONSTANTEMENTE,
COMPUNHAM VERSOS DE AMÔR,

ASSIM, POIS, NÃO É SURPREZA
NEM COMPROMETE NINGUEM:
QUE EU TAMBÉM AME A BELEZA
E VERSOS FAÇA TAMBÉM.

ANO NOVO QUE VEM — E NOVAS ESPERANÇAS!
ALMA NOVA A SORRIR PELA NOVA COLHEITA.
E, NUM SERENO MAR, CORTANDO AS AGUAS MANSAS
VELEJA A NOSSA NAU. TODA A DÔR FOI DESFEITA.

ANO NOVO QUE VEM, QUE NOS TRAZES? BO-
NANÇAS?
QUE TRAZES PARA NÓS? DE QUE METAL É FEITA
A TUA ALMA, ANO NOVO? QUE ESPALHAS, QUE
LANÇAS
NA TERRA QUE, FELIZ, NUM ABRAÇO TE ESTREITA?

ANO NOVO QUE VEM — PROMESSA DE VENTURAS!
ESPONJA DO PASSADO, UM SORRISO, UMA GRAÇA,
CAMINHO ABERTO EM FLÔR NO MEIO DAS AGRURAS,

ANO NOVO QUE VEM — UMA BRISA QUE PASSA
ESPALHANDO NA TERRA ANGÉLICAS DOÇURAS
EFEMERAS E VÂS, COMO A PROPRIA DESGRAÇA...

VERSOS ESCREVO COM FACILIDADE
TÃO FACIL PARA MIM É CONCEBÊ-LOS
E, COM JUSTIÇA, AFIRMO, SEM VAIDADE,
QUE SEI MELHOR COMPOR DO QUE DIZE-LOS.

VERSOS! ANSIA DE GLÓRIA! MOCIDADE!
DEZILUSÕES DEPOIS, BRANCOS CABÉLOS!
AMOR, QUE SE PERDEU, FELICIDADE,
QUE SE SONHA — DESFEITA EM PEZADÊLOS.

PERDIDAS ILUSÕES — SONHOS FANADOS!
UM BEM QUE NOS FUGIU, DESENCANTADOS
MUNDOS — QUE FORAM NOSSOS, UNIVERSOS!

E VÃO OS VERSOS MEUS. COMO PEDAÇOS
DE MIM MESMO A VAGAR, PELOS ESPAÇOS
COM UM BANDO DE PASSAROS — MEUS VERSOS!

CRISE DE MAJESTADE

Quando, cedendo aos imperativos cataclysmas do terremoto de 1812 e ás imposições negativas do ambiente da sua pitoresca Venezuela, FRANCISCO MIRANDA, o verdadeiro propagandista e legitimo precursor das Democracias sul-americanas, curtia nos calabouços de Cádiz, na Hespanha, os dolorosos dissabores da sua gloria revolucionaria e maçonica, em 1816, confirmam alguns dos seus chronographos haver elle recebido alli, por incognito portador mysterioso, uma valiosa reliquia vinda de Petersburgo e que durante quinze annos transitara pelos hemispherios europeu e americano a procura do seu inconstante e turbulento destinatario, só então, naquella epoca, physicamente repousado nos infectos e escuros porões do arsenal de "*La Carraca*".

A presumpção consolidada no espirito e na indução de taes chronographos, é de que o dixe recebido pelo heroe naquella ante-camara tumular, onde expirou, vinha das mãos regias da mesma grande soberana russa, que tambem havia dominado os crueis corações asiaticos dos Generaes Potemkin e Suwaroff, venturosos cabos de guerra, que, dilatando com os obuzes de seus indefatigaveis canhões as fronteiras geophysicas da Russia tzariana, tinham, entretanto, redu-

sido a capacidade affectiva ao extremo de se deixarem servir de tapete em que a genial allemã, repetidas vezes limpava o solado dos custosos e delicados cothurnos, sempre osculados pelos mesmos labios de onde partiam ordens militares tão duras, que apavoravam exercitos aguerridos.

FRANCISCO MIRANDA, o crioulo sul-americano de temeraria bravura e pasmosa vocação conspiratoria, propagador valente e generoso da idéa da Independencia ás margens do Prata, serviu em varios exercitos europeus, indo tambem, certa vez, servir em missão especial, no exercito russo, sob o reinado victorioso de CATHARINA II, cuja formosa e vigorosissima cabeça, sonhava, então, com o dominio de Byzancio, do Bosphoro e do Mediterraneo. A corrente magnetico-affectiva que logo se estabeleceu entre a Magna soberana e o fundador de lojas maçônicas e ideologo da Liberdade, foi de molde e teve a força indomita de atrair o precursor da obra libertaria de Bolivar e Sucre ao alcantilado e deslumbrante leito real. Por deliciosos dias, tão rapidos quão inesqueciveis, o GENERAL MIRANDA usufruiu a ambicionada ventura de ser favorito da Tzarina.

America ardente e cabocla compartilhava, assim, dos amores e da voluptia da Imperatriz das *sttepes* nevadas, que ella tantas vezes tingio do sangue dos seus subditos e dos seus amantes. Naquella compleição amorosa anormal e voluvel, em que a furia ovariana empunhou, diversas occasiões, o sceptro imperial, ficára, entretanto, indelevel o vesiiigio evocativo do irrequieto americano.

Como porem, transmittir-lhe, com as devidas precauções, o signal de uma lembrança, o attestado de uma recordação, a rubrica authentica e convencional de uma saude regia? Toda a difficuldade estava

em encontrar, entre os seus vassallos, a fidelidade carinhosa de um transmissor.

Onde encontraria, o positivo real, esse aventureiro errante, que se comprasia na empreitada de subversões e no esporte da indisciplina militar nas casernas longínquas e turbulentas das fraldas dos Andes? Para attingir essa remota e intranquilla Venezuela, conjecturava a Imperatriz, quanto tempo, quantas intemperies, quantos obstaculos se opporiam, inclementes e estupidos, ao jornadaeiro da lembrança, ao portador da saudade?

Mas, então, ella, a vencedora dos turcos, a destruidora da independencia polaca, a conquistadora da Criméa, a dominadora das vagas e cerrações do Mar Negro, haveria agora de recuar, de bater em retirada diante desses insignificantes e abstractos argumenticulos da sua imaginação affectiva, das suas melancolias uterinas, dos seus arrebatamentos saphicos? Nunca.

Um emissario incognito e mysterioso, com amplos recursos e illimitados poderes para tão melindrosa, longa e confidencial tarefa de character intimo, foi escolhido, equipado e cautelosamente despachado, com todas as previsões possiveis e impossiveis orçadas em rublos convertiveis.

Quinze annos depois, a recordação da ternura régia chegava ás mãos esqualidas de MIRANDA, prisioneiro, desilludido, trahido, moribundo quase, soterrado nas masmôrras officiaes de Cádiz. Extincto estava já o reinado de CATHARINA, cujos rumores gloriosos retumbavam, vibrantes, em todos os quadrantes do mundo, ainda entontecido, nas cabeças europeas e orientaes, pelos traumatismos e estrondos causados pelas armas russas.

A catharineida, a era epica da grande amorosa teutonica, tinha empolgado o espirito do seu tempo.

O cyclo historico das batalhas diplomaticas e das campanhas militares encerrado em 1796, electrifára a mentalidade sua contemporanea.

E na penumbra funerea do carcere hespanhol, o desolado libertario e inclito soldado dos tres Continentes, FRANCISCO MIRANDA, recebia o derradeiro dos affectos, a ultima lembrança dessa formosa, dissoluta e genial coroada que foi, sem nenhum exagero, a cerebração regia culminante da sua epoca.

Dias depois fallecia o heroico amante americano de CATHARINA II, sem que a ninguem revelasse o segredo da mysteriosa reliquia, que nunca fôra encontrada.

COSTAFILHO

2. 1936.

Exclama o tabareu sergipano

(Inedito)

Depois de traduzir na integra,
o «Jardim de Epicuro», de
Anatole Frauce, em S. Chris-
to em o anno de 1905.

E eu ficarei de fora a ver com o olhar humido de
tentação as bellezas deste jardim.

Como o tabareu sergipano embasbacado ante as
seduções de grandioso parque artistico, deslumbra-me o
fulgor de tanto estylo. Quiz transpor o limiar, mas de-
balde afogeou-me o desejo.

Como Machado de Assis, apostando consigo
mesmo traduzir um cantigo da *Divina Comediz*, veiu-
me o orgulho da abstração que me atirou neste mar
de grandezas.

Epciuro comprou seu mimoso quintal em Athenas
por umas oitenta moedas do tempo, conforme repete
Diogenes Laercio, um dos patronos ou apresentado-
res deste livro (*ogdoékonta mnon priasthai*). Foi no
elegante *kepo* que elle estabeleceu sua excola, á som-
bra das rosas rescendentes e dos platanos rumorejantes.
Doce vida tranquilla do philosopho que ensinava, a pas-
seiar e a trabalhar, conforme o reconhece Fenelon, outro
inspirado desta obra; e os formosos versos da *Lampe*

d' *Argile*, de Frederic Plessis, que tambem cantam no frontispicio, ainda o proclamam.

Donde me parece que este jardim é um mundo, porem mundo espiritual e fulgido, e nesse mundo não poderei penetrar, não o desereverei como objecto do meu conhecimento, nem o representarei como uma pintura commum.

Nesse *cecropius hortulos* sopram ainda as auras suaves de out'ora, porem mais ricas de seduccões e de mysterios, porque a sombra do delicioso retiro sempre sympathica, vai muito mais projectada, pois que sua grandeza tambem subiu esplendida.

Hoje, a mesmissima quinta pertence aos decendentes de Epicuro. Elles tornaram-na magnificamente se não o transformaram ao gosto moderno; e no meio dessa genial geração de herdeiros, certamente, sobresahe o auctor desse livro.

Mas o nedio luzimento do gado do rebanho do Epicuro que rumina nos mysterios de seus recantos boscarejos os enigmas da philosophia, faz arregalar todos os olhos. Se não podemos compra-lo porque toda a moeda intellectual dos nossos esforços não poderá corresponder ao seu valor, podemos vel-o de fora, como eu faço. Já é alguma coisa querer ver.

Porisso, a repetir como remate ao livro os mesmos versos do *Ciris*, poema attribuido a Virgilio, eu ficarei de fora a ver com o olhar humido de tentação as bellezas d' «Jardim de Epicuro».

— *Cecropius suavos expirans hortalus auras
Florentis viridi Sophiae complectitur umbra.*

M. P. Oliveira Telles.
(Garcia Moniz)

TRIBUNA FORENSE

É'S O CENTRO DE LUZ E GRAVIDADE
DO KOSMO DO DIREITO E DA MORAL,
IRRADIA DE TI A VERDADE
POLÍTICA, CIVIL PESSOAL.
FORTALEZA SAGIDA DA JUSTIÇA,
ABRIGO E CAPITULUM DA EMOÇÃO,
SÓ TE NÃO AMO SÓ TE NÃO CUBIÇA,
A TYRANIA TÔRVE SEM VISÃO.
SUPEDANEIO DO JUSTOS E DOS BONS,
ESTRELLA E BALUITE DA EQUIDADE,
NÃO TE FAZEM EMER JAMAIS OS RONS
DAS SATANICAS MAS DA MALDADE.
THRONO SÉVERE ETERNO DA VIRTUDE,
CORDILHEIRA ENDEBRADA PELAS AZAS
DOS CONDÔRESQUE A MAXIMA ALTITUDE
GALGARAM DA CIENCIA EM QUE TE ABRAZAS.
PROTECTORA DOS FRACOS, PERSEGUIDOS,
PELA INSOLENCIA E ARBITRIO DO PODER,
É'S A MÃO FOR DOS DESPROTEGIDOS,
GRATA ESPERANÇA DOS QUE VÃO SOFFRER
NAS MASMORRAS NO CARCERE, NO EXILIO,
OS CASTIGOS E AS PENAS RECEBIDOS;
COM ELLES TRAVES UM CONSTANTE IDILIO,
VELANDO PELA PARTE DOS VENCIDOS.
TU FOSTE O SODRE RECTILINEOS RAIOS,
QUE ILLUMINAS O TURBILHÃO ROMANO,

TRIBUNA FORENSE

E'S O CENTRO DE LUZ E GRAVIDADE
DO KOSMO DO DIREITO E DA MORAL,
IRRADIA DE TI A LIBERDADE
POLITICA, CIVIL E PESSOAL.
FORTALEZA SAGRADA DA JUSTIÇA,
ABRIGO E CAPITOLIO DA EMOÇÃO,
SÓ TE NÃO AMA, SÒ TE NÃO CUBIÇA,
A TYRANIA TÔRVA E SEM VISÃO.
SUPEDANEO DOS JUSTOS E DOS BONS,
ESTRELLA E BALUARTE DA EQUIDADE,
NÃO TE FAZEM TREMER JAMAIS OS RONS
DAS SATANICAS ARMAS DA MALDADE.
THRONO SÉVERO E ETERNO DA VIRTUDE,
CORDILHEIRA ENSOMBRADA PELAS AZAS
DOS CONDÔRES, QUE A MAXIMA ALTITUDE
GALGARAM DA SCIENCIA EM QUE TE ABRAZAS.
PROTECTORA DOS FRACOS, PERSEGUIDOS,
PELA INSOLENCIA E ARBITRIO DO PODER,
E'S A MÃO FORTE DOS DESPROTEGIDOS,
GRATA ESPERANÇA DOS QUE VÃO SOFFRER
NAS MASMORRAS, NO CARCERE, NO EXILIO,
OS CASTIGOS E AS PENAS RECEBIDOS,
COM ELLES TRAVAS UM CONSTANTE IDILIO,
VELANDO PELA SORTE DOS VENCIDOS.
TU FOSTE O SOL DE RECTILINEOS RAIOS,
QUE ILLUMINASTE O TURBILHÃO ROMANO.

Téla Boquinhense

(Para Raimundo Fonseca)

Goes Duarte

Que lindo panorama
Envolto em luz, divinamente belo,
Ante os meus olhos, gratos, se derrama
Desta verde colina que se chama
Monte Carmélo!

Daqui, a cavaleiro, descortino
Como um jardim em flor,
A terra luminosa em que nasceu
E brincou, em menino,
HERMES FONTES, — o vate peregrino
O que tanto sofreu,
O gigante da Dor!

Em torno, a selva, ao sól, canta e rebrilha...
De larga estrada, coleante, ao fim,
—Risonha maravilha!
Fulge, ao longe, o BOQUIM...

Sobre o vasto lençol da lagoa, cavada
No duro massapê, pelo braço cativo.
—Novo encanto emprestando á paisagem doirada—
Deslisam paturis, em bando alegre e vivo...

Dêço. Além, êrmo e só, paíra, soturnamente,
Escuro, a despertar o mêdo a toda gente,
Um velho casarão, em que a vista detenho:
Do captiveiro ao tempo, alli fôra o *engenho*,

E' mais que centenario o pardieiro bronco,
Em cujo interior ergueu-se, outrora, o *tronco*,

Rudo posto infernal, reservado ao martirio
Do *açoite*, infligido aos negros, em delirio !

Neste ambiente, assim horrendo e singular,
As mais, tristes visões assaltam-me, em tropel :
E é quasi a chorar,
Que fico a meditar
Na doçura, imortal, da Princesa Isabel . . .

Volto, após, á colina,
De onde, em torno, a paisagem, em flor, se descortina.
.....
Que suave encantamento
Todo me invade, num deslumbramento,
Neste instante, em que o sol deserta o firmamento!

De um vivo rubro tinge-se o poente.
A Inhampupé, a pipilar, dolente,
Já, nas moitas, oculta, começou.
O dia adormeceu . . . a noite despertou . . .

E, tão logo desperta, já desata
Por toda a natureza,
Uma terna, uma doce, infinita tristeza . . .

.....
Esplendido luar envolve a terra, brando,
E faz toda em marfim
A coleante estrada que demando,
Retornando
A BOQUIM.

.....
... Ouço, agora, a cascata,
O niveo pranto, em lágrimas de prata . . .

E, na *fonte da mata*
Essa a que os montes
Cercam, em redor, e occultam, com ciumes,
—Enquanto luzem, em bandos, vagalumes,
Dão-se as flores silvestres á orgia
Dos suaves perfumes . . .

Que esplendoroso quadro, o que aprecio,
Enquanto chora, a linfa, em doce murmurio !

E me quédo a scismar nos versos de HERMES FONTES,
O cantor imortal, ante aquela harmonia :
Toda aquela sublime, infinita poesia
Que a Natureza, em flor, ciosa, ali recata,
Bem como ele o dizia,

«Vem da *fonte da mata*, . . .»

O Perú e o Bacurau

Apologo

Verão. Vislumbravam-se nuvens roseas no oriente.
Arreból.

Bom dia, amigo meu, grulhava um Perú ao ver um bacuráu emaranhando-se por entre a folhagem espessa e basta de uma mangueira copuda, enredada por um cipoal viçoso, em caramanchão agreste, no fundo de um pomar velho e descurado.

O bacuráu lucifobo, fugindo ao arreból, evitando a luz que lhe fere a retina, e pousando naquele sitio sombrio, abrigo de muitas aves, corresponde ao cumprimento:

Bom dia, já vai descendo ?

—De certo. Tenho muitos quefazeres diários, depois da ração costumeira de cada manhã. Vou espera-la submisso e murcho, pois meu senhor só ma dá quando bem quer e como lhe parece. Papo cheio, ocupo-me em aplaudir, com o meu canto *invejavel*, tudo o que produz ruido e todos os que falam alto, gritam ou assoviam; faço roda o dia inteiro, com certo arrastar de azas característico, sucedido sempre por um sóido que só eu sei fazer e me torna importante entre a bicharada que me ouve e me admira. A's vezes, nem

me sobra tempo para o prazer habitual de catar minhocas nos munturos e esterqueiras deste velho pomar. Até chego a emagrecer e por isso me sevam e engordam, para depois... E baixou a cabeça, estirando a crista azulada.

—Mas não é melhor ser-se magro e leve como eu? Ao menos se vive a cavaleiro de tais deshumanidades. Vôo, zig-zagueando com destreza, piando pelas estradas, fazendo eriçar os cabelos aos transeuntes noturnos, crentes em maus augúrios, quando me ouvem o piado soturno, aliás muito menos agourento que o do *corta-mortalha*. Assim me vou alimentando de insetos inocentes que me delíciãam o paladar, na frescura da noite, na densidade das trevas, preferidas dos namorados á *outrance*.

—Então você vôa alto e vôa muito? Quem me dera vêr!

—Você não póde vêr. Seus olhos são pequenos demais, até para vêr de dia. Não vôo alto, mas vôo muito; meu vôo é rasteiro, mas rápido, sinuoso.

Detesto o vôo altaneiro da agúia e do condôr aristocratas, sedentos de luz, e...

Eis senão quando, perto se ouvem umas como palmas surdas. Entreolham-se surpreendidos e dirigem as vistas para o mesmo ponto. Um burro, até então indiferente ao dialogo, pastava por ali a herva rociada; mas, ouvindo falar da agúia e do condôr, vira de lado as queixadas grossas, porque burro não pode olhar diretamente para cima, e bamboleia as orelhas grandes, matracando-as em sinal de aplauso.

Entusiasmados por *palmas de burro*, prosseguiram satisfeitos a animada palestra.

—Mas você falava de agúia e condôr, sedentos de luz. Você não gosta de luz?

—Para que luz, senão para nos dar um pouco de

calor? É quanto basta para não se morrer de frio. Mal suporto a lua e apenas tolero a penumbra, numa moita assim, para dormir durante o dia. Gosto da sombra da noite e até já ouvi dizer que

A noite é uma gruta imensa,
Cheia da sombra de Deus
—E o dia, a clara presença
Do Ser Eterno dos céus

O Perú completou a estrofe todo arrepiado.

—Você poeta heim? E que poeta! Versos de métrica e rima. Ave domestica, priva com o homem, já se vê. Dá para tudo. Não será também orador, pintor, escultor, musico, um cultor das bellas-artes? Seja futurista, se quer ser bom poeta.

—É você também não faz versos?

—Nada: Eu apenas citei versos que favorecem o meu asserto. E você citou ou plageou?

—Não, meu amigo, os meus são muitos meus. Preto como sou, faço até versos brancos.

—Ainda peor. O mais pratico é citar ou plagiar, e o melhor é mesmo plagiar. Você é teorica e praticamente passadista. Ouça-me atento.

Entendamo-nos, pois agora vou pregar moral, e pregador não admite apartes.

—Sim, sim, de acordo; mas responda-me ao menos este ullimo: o homem diz que se distingue de nós outros animaes pela razão que é luz.

Logo a luz é preciosa.

—Agora temos filosofia, logica, silogismo! Engraçado! É contagio da razão do homem que você ouve sempre. Não ha duvida.

—Deixe de evasivas. Responda-me o ullimo aparte, se não quer que o interrompa, grulhando a cada frase sua. E se arrepiou avermelhando a crista.

—Mais esta! Você autoritário e prepotente! Muito bem! Está até parecendo um verdadeiro homem!

—Nem tanto. O que desejo é que você me diga se a razão do homem é ou não é luz.

Qual homem, qual razão, qual luz, qual nada! Isso são palavras ôcas, figuras de retórica, prova de pouca ideia. O homem mais homem é o que mais se assemelha a certos animais inferiores, é o que mais se confunde conosco: o homem-estomago que seplanta o homem-cabeça; o homem-porco, vivendo para comer e engordar; o homem raposa que sabe empregar a astúcia para fisgar os incautos e inventou a sofisma, de que se socorrem os advogados, em apuros; o homem—lagarticha que tudo afirma, cabeceando na porta de um cortiço, a devorar as abelhas metodicas e laboriosas; o homem-tamanduá, de unhas curvas e aguçadas, que abre os braços curtos e musculosos para um abraço de morte a quem se lhe chega, e introduz a fina e comprida língua no formigueiro, recolhendo-a depois cheia de providas, raivosas, mas ingenuas formigas; o homem-sangue-suga, de quem aprenderam os medicos o processo de transfusão de sangue e cujo nome, só por só, é uma biografia; o homem-vibora que morde, pelo prazer de morder, de preferencia á noite e envenena e mata, porque *o homem é o lôbo do homem.*

—Você fala bem e muito, e de olhos tão acesos que nem parece ter sono. Olhe que já vem raiando o dia. E baixinho: é hora da razão.

—Sim, vou dormir. Mas fique sabendo que o verdadeiro homem é o pescador de aguas turvas; é o filo-pança que dá palmas tendenciosas a quem mais alto e poderosamente fala, com tanto que lhe encha o bandulho; o homem-bacuráu que, passando mesmo rapido, espreita no escuro a vítima que depois pilha; o

homem-perú que faz roda e grulha submisso em torno de quem lhe dá ração, e cisca nos munturos e esterqueiras sociais. Isto é que é verdade. São essas diversas modalidades apreciáveis da razão humana. O mais são razões da razão que o homem diz sêr luz. Até logo. E se escondeu no escurinho da folhagem, quasi dormitando.

—Bravo, bravo, muito bem! E um *tuc* silvado partiu da garganta do Perú, já no chão, e que mudava de côr a cada asserção do discurso do bacuráu filósofo.

Emquanto isso, em arvore vizinha, ouvia-se, de mistura, um chilrear de passarinhos meigos, um chilrear discreto, como que a medo, escandalizados da malsã doutrina que vinham de ouvir do notívago moralista. E um sabiá, num brando e terno sabiá, saudando maviosamente o despontar do dia, entremeava de lamentos expressivos o seu melodioso canto, sonoro e altissonante rebate á maldade, ao egoismo, á lucifobia, á injustiça contra o homem-razão, o homem conciencia, contra o homem—aguia e o homem—condor altaneiros, impudicamente atacados por bacuráus, com palmas de burros e aplausos de perús.

M. J. SANTOS MELO.

Aspectos Sociaes

Para o jovem escritor sergipano, Dr. Luiz Pereira de Melo, aprimorado cultor das ciências jurídicas e dasbelas letras.

A sociedade sergipana, reflexo que é da sociedade brasileira, integrando-se no seu grande ser, como uma partícula minúscula, apresenta, entretanto, aspectos originaes, consequencias de sua evolução, resultado fatal da influencia poderosa dos fatores que determinaram o seu desenvolvimento.

E quem auscultar de perto a alma sentimental do pequeno Estado nordestino, reparar as condições teluricas que o oprimem, dentro dos limites estreitos de um territorio reduzido, verificar e medir, comparando, com o dos grandes Estados, o ritmo do seu progresso material, ficará naturalmente admirado se dirigir suas vistas para os vôos audaciosos da intelligencia sergipana.

E sua admiração crescerá, até atingir os limites de um verdadeiro assombro, quando observar que esta intelligencia tem uma orientação toda original, mixto de emoção e de beleza, manifestação estetica do pensamento, aliado ás cogitações filosoficas as mais profundas que fizeram a gloria de Tobias, de Silvio, de Fausto Cardoso e elevaram dignamente a mentalidade de Sergipe.

E este surto de progresso intelectual está longe de ter atingido á sua finalidade.

As gerações se vão sucedendo, formando fazes brilhantes que determinam a marcha veloz de sua idealogia.

No atual momento historico, este ritmo parece tornar-se ainda mais acelerado, como se causas desconhecidas procurassem atuar na geração presente, com o fim de provocar o aparecimento de novos e iluminados genios.

A alma sergipana, neste momento, expande-se consciente dos seus grandes e alevantados designios em uma ansia incontida, uma sêde ardente de saber.

A cultura intelectual se multiplica e as livrarias derramam, como nunca, os seus livros pela população avida de leitura.

A infancia, a inventude e a mocidade unem-se para a mesma finalidade, procurando as escolas, os institutos secundarios e as academias, onde os seus cerebros se vão iluminando com a chama purissima da ciência.

Os centros culturais progridem nos estabelecimentos de ensino secundario, durante o período letivo, cumprindo a sua finalidade e provando, deste modo, que a mocidade sergipaua vai realizando brilhantemente os seus designios.

Os jornais publicados, pelos alunos do curso secundario, mostram que a mocidade estudiosa orienta-se atualmente para uma vida superior, mais intelectual e mais artistica.

A matricula destes institutos de ensino vai num crescendô admiravel, fenomeno este digno de observação e cujas causas não podem ser encontradas somente no desenvolvimento material do Estado.

Seria impossivel a Sergipe manter em armas uma

policia igual á gaúcha, ter centros populosos, como S. Paulo e Rio ou orgulhar-se de possuir, como Pernambuco, uma nova Veneza, encantadora, á beira do Atlantico, mirando-se garbosa nas aguas prateadas dos seus rios.

Sergipe não poderá atingir á população de Minas, igualando-se á Baía ou apresentar em sua historia batalhas, como as dos Guararapes, orgulho dos Pernambucanos, o valoroso "Leão do Norte" e possuir uma epopéa gigantesca, como a guerra dos Farrapos, luta titanica dos heroes legendarios do Rio Grande.

Sergipe não poderá nunca enfrentar resolutamente o Brasil, em uma guerra sangrenta e destruidora, como fez S. Paulo, o colosso sulista, o indomavel "Leão do Sul", em 1932.

Esqueçamos para sempre estas glorias que não são para nós, porque os nossos heroes militares que elevaram, dentro e fóra de Sergipe, o nome do nosso Estado e deram uma prova concreta do heroismo e do patriotismo do povo sergipano, brilharam, é verdade, com fulgor intenso, como astros de primeira grandeza, mas sem conseguirem formar constelações, porque eles não despunham de poderosos exercitos e das formidaveis massas humanas que formam os alicerces das glorias e das grandes vitorias militares.

Tudo isto é verdade, mas não devemos tambem esquecer que Sergipe pode elevar a sua mentalidade até as alturas fantasticas, onde pairam os genios, com os talentos luminosos de Tobias, de Fansto e de Silvio.

Os povos são como os homens e devem aproveitar as suas possibilidades se quizerem vencer.

Sergipe tem as suas e é necessario que elas não desapareçam, não demorem inuteis por falta de iniciativa e estimulo.

Somente pela inteligência ele poderá vencer e se tornar digno dos seus irmãos da Federação.

É um dever mais do que sublime, é um dever sagrado, para todos os sergipanos cultivarem as tradições intelectuais que glorificaram o passado do pequeno Estado Nordesteño.

Propagar a instrução, ampliar o ensino primário, levando o pão do espírito às populações que demoram ignorantes nos últimos degraus da pirâmide social é uma parte brilhante do problema e uma necessidade para o povo, porém não é tudo. O que se impõe como um imperativo social, o que contribuirá para a verdadeira grandeza intelectual de Sergipe é o desenvolvimento da grande cultura, daquela cultura superior e brilhante que constituiu a glória imperecível dos seus gênios.

É esta missão sublime compete às sociedades culturais, principalmente à Academia de Letras que deverá agir de modo a desenvolver o estímulo pela alta cultura literaria ou científica, derramando ondas de luz entre os jovens, para que esta mocidade gloriosa possa produzir, para o futuro soes maravilhosos que iluminem o ceu azul e esplendido de nossa grande patria.

Devemos orientar esta mocidade vibrante para os grandes cometimentos, favorecendo assim o aparecimento futuro da inteligência sobre-humana e dos gênios luminosos.

Prestigiar, finalmente, por todos os meios, a inteligência criadora e artistica, a unica que pode resistir ao tempo, porque a sua glória aumenta com o perpassar dos anos.

Sergipe é um Estado pobre e pequeno, o destino isolou-o em um recanto esquecido do solo brasileiro e o mar que beija docemente as suas praias quasi que lhe negou a vastidão imensa de suas estradas.

A sua grandeza futura não poderá ser medida pela exportação de algumas toneladas de algodão e de alguns alqueires de sal, porque ela é imensurável e será unicamente encontrado na luz maravilhosa da inteligência de alguns de seus filhos que o destino elevou às alturas propícias onde só pairam os gênios.

FLORENTINO MENEZES

OLAVO BILAC

Conferencia realizada no salão nobre da Associação dos Empregados no Comercio de Sergipe, Aracaju, ás 16 horas de 30 de Outubro de 1927

Charles Baudelaire, o poeta satánico das «Flores do Mal», aconselha que, para não sentirmos o pêso formidavel do Tempo, nos devemos embriagar: — com vinho, poesia ou virtude. «Tout est là, c'est l'unique question», afirma o vate genial e desventurado que, como Paul Verlaine, buscou sempre no fumo enganador do Sonho e nos «balsamos penetrantes» do vinho o consôlo para o grande espirito enevoado.

Ora, meus senhores, já os antigos diziam que o vinho é mau conselheiro e a virtude, mesmo a heroica, não deve brilhar pelos excessos...

Tão belas razões de moral excelelem pela ancianidade. A virtude é mãe da moderação; e o embriagamento que ocasione é, por assim dizer, um como nimbo de luz interior. O vinho é o deus dos dispausterios: — mata a energia no homem e ferreteia-lhe tristemente a fronte nobre.

Resta-nos, porem, do aludido conselho, o refugio supremo da poesia, balsamo salutar, que faz esquecer a humanidade todas as asperezas da «via crucis» da vida, na sua escalada dolorosa.

A poesia, meus amigos, não é como a virtude,

egoística, nem dissolvente das nobres energias como o celebrado vinho generoso. Comunicativa e acessível, ela é a irmã de caridade dos que têm sede de carinhos. Virgem e mãe — é com o éter que nos envolve, maternal e puro, e vibra na alma aristocrática do poeta como na alma rústica e sentimental do povo. O poeta sabe cristalizar em versos os sentimentos. As almas rústicas cristalizam-nos, em silêncio, no coração.

Todos, no entanto, sentem e amam a poesia. Mas ao poeta coube a missão sublime de, com o vigor da sua imaginativa e ao influxo das suas altas emoções, vasando a alma em sonoridades, dar formas ao impreciso, crear o increado. Aliás o próprio étimo da palavra o diz: —poïein—poesia, crear. E ele o poeta, crea a seu talante. E ela, a poesia, infiltra-se como a agua das primeiras chuvas nas areias ressequidas... Ergue-se triunfal como o sol e como o canto dos passarinhos...

Assim, o poeta conduz, presa, do seu genio victorioso, a coórte dos seus admiradores. Não como Aquiles, arrastando o cadáver de Heitor pelos muros de Troia. Mas como Apolo, no seu carro de fogo, percorrendo o zodíaco da Glória.

Crearam-se desse modo as escolas poéticas: — romantismo, parnasianismo, simbolismo e *le reste*.

Primeiro um fóco, e, á irradiação desse fóco, fa-lenas em derredor. Hugo, Hèredia, Mallarmé,... para não sair da França, alma mater da nossa civilização. Todas as escolas porem são boas, desde que os seus cultores não caiam em exageros.

Poesia é vida; vida é saude; por isso o roman-tismo não deve ser doentio e piégas...

Poesia é tambem calor, e é vibração: assim o parnasianismo não deve empalhar o sentimento, como uma mumia, nas estreitas faixas de regras imutaveis. A

poesia hieratica não póde emocionar. E poesia é também emoção. O morbido sentimentalismo deve ser banido. Hoje não ha mais lugares para os Mussets. Não existem mais balcões nem donzelas chorosas. Tristão e Isolda não passam de mito. Morreram os Romeus e as Julietas e perdeu a romantica suggestionabilidade o luar de Verona. O poeta não deve ser um simples cantor de baladas. A lira não é instrumento monocordio. O ciclo da poesia é vasto. Não fica bem á alma superior de um poeta, o canto lamuriento de um desherdado. Seja pois o seu canto, sempre, um hino ao sol, á beleza e á vida! Um hino ao amor, sim, também ao amor, mas ao amor sadio que se não desfaz em lagrimas e lamurias!... Traga ele n'alma o sol triunfante, e, com o sol, o entusiasmo e o deslumbramento da Natureza. Que a vida é má? Leve-a de vencida com o seu canto: — sem chorar como Job, nem lamentar como Jeremias. Tornar-se-á boa...

São gemeos os destinos da lira e da cigarra: — Cantar... cantar... estalar e morrer! Morrer!... mas ainda como o cisne que recebe a morte com um canto! E' este o destino de todo o grande poeta... E Bilac, meus senhores, creio que o soube cumprir. Não foi um cético, nem tão pouco um místico. Amou o sonho mas nele não se acastelou. Não se deixou ficar pelo caminho, inane, a contemplar a nuvem... que passa. Amou a vida com exaltação, em toda a sua plenitude, em toda a sua rudeza, em todos os seus ritmos e modalidades. A beleza para ele, não estava na impassibilidade das linhas, como a queria Baudelaire, mas no movimento, na vibração. A's formas perfeitas e impecaveis de uma Venus dos museus, preferia a graça encantadora da mulher moderna. E, claramente, demonstrou-o em admirável palestra literaria.

Cultor apaixonado do estilo, esse culto não lhe

embotou, jamais, a fina sensibilidade que, como perfume volátil, se desprende da aurilavrada caçoula dos seus versos. Antes, parece tel-a aguçado com o prazer sutilmente espirituai de descobrir por entre «a ganga impura» o veio de oiro fino, onde

..... engasta a rima
Como um rubim.

O seu grande amor á Fórma, por quem vibra a lança de Cavaleiro, e o enlevo que o absorve na feitura de tão primorosos mimos, ele o diz na sua linda «Profissão de Fé»:

Invejo o ourives quando escrevo:
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto relêvo
Faz de uma flôr.

.....
Assim procedo. Minha pena
Segue esta norma,
Por te servir, Deusa serena,
Serena Fórma!

Não só aí, mas sempre, e notadamente em «Vantitas», o poeta mostra da su'alma a ansia insopitada e insatisfeita, ecoando maravilhosamente no expressivo e inimitavel soneto «Perfeição».

Parnasiano, na cuidadosa feição dos seus versos, sua lira, no entanto, buscou sempre imbuir-se da parte sã de todas as escolas poéticas. Em rigor, não cultivou o subjetivismo nem o objetivismo, isto é, não foi propriamente romântico nem realista. Foi, simplesmente, um grande poeta. Fugindo á impassibilidade marmorea do parnasianismo, não se deixou enlaçar pelo coleio estonteante do simbolismo. Eis a sua grandeza. Na arte de um verdadeiro poeta «cabem todas as escolas, como em um raio de luz todas as côres», no dizer de Santos Chocano.

Convenhamos: a poesia meramente parnasiana é como a camélia entre as outras flores:—admirável pela estrutura, mas falha em evocações e sutiezas expressivas.

Diz ele em «Inania Verba»:

O Pensamento ferve, e é um turbilhão de lava:
A Fôrma, fria e espessa, é um sepulcro de neve...

Adivinha-se a grande tortura desse artista por trazer o absoluto.

Na hiper-aguda sensibilidade do seu espírito, creador e altamente receptivo, cantam todas as vibrações pagãs da nossa grandiosa Natureza.

Por isso suas estrofes são ardentes como devem ser as de um filho do sol dos tropicos; cheias de seiva como as nossas imensas florestas. E si espelham o luar de prata no dorso eriçado do oceano, refletem também o tremeluzir tibio da estrela na corrente murmura do regato.

Si em seus versos de amor possui arrulhos de pomba, como em toda a formosissima coleção da «Via Lactea»,—índice maravilhoso da su'alma ainda romantica e sonhadora,—vibra, ás vezes, em anseios e voluptas de um joven fauno, civilizado, é certo, mas um tanto pagão, porque tropical. Vêde como difere a sua divina palhêta em assunto mais ou menos semelhante:

La fóra, a voz do vento ulule rouca!
Tu, a cabeça no meu ombro inclina,
E essa bôca vermelha e pequenina
Aproxima, a sorrir, de minha bôca!

Que eu a fronte repouse ansiosa e louca
Em teu seio, mais alvo que a neblina
Que nas manhãs hiemaes, humida e fina,
Da serra as grimpas verdejantes touca!

Solta as tranças agora, como um manto!
Canta! Embala-me o sono com teu canto!
E eu, aos raios tranquilos desse olhar,

Possa dormir sereno, como o rio
Que, em noites calmas, socegado e frio,
Dorme aos raios de prata do luar !...

Agora, estas febris estrofes de «Beijo Eterno»:

Quero um beijo sem fim,
Que dure a vida inteira e aplaque o meu desejo!
Ferve-me o sangue. Acalma-o com teu beijo,
Beija-me assim!
O ouvido fecha ao rumor
Do mundo, e beija-me querida!
Vive só para mim, só para a minha vida,
Só para o meu amor !

E. num «allegro», sempre ascendente nas teclas doiradas da volúpia, não duvida que o mar, o sol, a ave, o luar, a amplidão, a floresta, o vento, a estrela, invejem e cantem o seu grande amor, que é sua grande ventura, e conclue:

Diz tua boca: "Vem!"
"Inda mais!" diz a minha, a soluçar. Exclama.
Todo o meu corpo que o teu corpo chama:
"Morde também!"
Ai! morde! que doce é a dôr
Que me entra as carnes, e as tortura!
Beija mais! morde mais! que eu morra de ventura;
Morto por teu amor!

Impregnadas desse mesmo grandioso sensualismo, sem sentimentalidades enfermigas, numas mais velado, noutras impersonalizado pelo tom descritivo, encontram-se diversas poesias de Olavo Bilac, como é facilimo de vêr folheando-se as rútilas e imorredoiras paginas de «Sarças de Fogo» e «Alma Inquieta».

Nesses dois valiosos ramunculos de coral, não faltam porem sutilezas liricas, delicadezas romanticas,

como "Pantum", "Suplica", "Manhã de Verão", "Velha Pagina", "A Canção de Romeu", "Balada Romântica", "A Um Violonista", "Dentro da Noite", "Marinha", e "Noturno", que cito ao acaso.

A acuidade, e como que hipertrofia da sua sensibilidade de artista, fê-lo um palrador adorável das estrelas, a que ouve e entende, como Baudelaire ouvia e entendia o som das côres:

Disse o luar: «Espera! que eu te sigo:
Quero também beijar as faces dela!»
E disse o aroma: «Vai, que eu vou contigo!»

E cheguei. E, ao chegar, disse uma estrela:
«Como és feliz! como és feliz, amigo,
Que de tão perto vais ouvi-la e vê-la!»

E não só um palrador incorrigível, mas também um vidente dentro do cadinho da ausência e da saudade:

Porque hei-de, em tudo quanto vejo, vê-la?
Porque hei-de eterna, assim reproduzida
Vê-la na água do mar, na luz da estrela,
Na nuvem de ouro e na palmeira erguida?

Ainda na seguinte sextilha da formosíssima produção «Noite de Inverno», nota-se que o «odor de femina» aguça-lhe a pituitaria e o anseio de uma vã espera os órgãos da audição:

Mas não vens! não virás! Silêncio e treva...
Hirta, na sombra, a Solidão eleva
Os longos braços rígidos de gelo,
E, ha pelo corredor ermo e comprido,
O suave rumor de teu vestido
E o perfume sutil de teu cabelo...

Creio dever fechar o ciclo dessa bela vida de amoroso ardente e sonhador, citando-vos o soneto admirável, «Última Pagina», síntese maravilhosa de todos os seus amores:

Primavera. Um sorriso aberto em tudo. Os ramos
 Numa palpação de flores e de ninhos.
 Doirava o sol de outubro a areia dos caminhos
 (Lembras-te, Rosa?) e ao sol de outubro nos amámos.

Verão. (Lembras-te, Dulce?) A' beira-mar, sosinhos,
 Tentou-nos o pecado: olhaste-me... e pecámos;
 E o outono desfolhava os roseíraes visinhos,
 O' Laura, a vez primeira em que nos abraçámos...

Veio o inverno. Porém, sentada em meus joelhos,
 Núa, presos aos meus os teus lábios vermelhos,
 (Lembras-te, Branca?) ardia a tua carne em flor...

Carne, que queres mais? Coração, que mais queres?
 Passam as estações e passam as mulheres...
 E eu tenho amado tanto! e não conheço o Amor!

Mas, amigos meus, Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac, «tão poeta que o seu nome é um alexandrino», no dizer de João do Rio, soube também arrancar da sua formosa lira policórdia, ainda na sua ardente mocidade, fôra das raías imensas do amor, do sonho, e da voluptia, aquelas maravilhas épicas enfeitadas sob o sugestivo titulo de «Panoplias». Lendo-as fremimos com o entrechocar desapiedado das batalhas e o ruir brusco, dolôroso e heroico de uma grande civilização, em «Delenda Cartago»; comove-nos em «A Morte de Tapir» a grande dôr do último e obscuro sobrevivente de uma raça despojada um dia da sua liberdade e imperio, pela Civilização; entusiasmanos os admiraveis sonetos «A Gonçalves Dias,» «Lendo a Iliada,» «O Incendio de Roma», entre outros, como ainda nos encantam «O sonho de Marco Antonio» e «A Um Grande Homem», tudo esculpido e vasado no bronze eterno e sonoro do mais perfeito estilo desse apolineo da fôrma.

Nas paginas encantadoras que titulou «Viagens», conduz-nos, numa evocação mágica, a velhas idades e

rças desaparecidas ; fala-nos com entusiasmo de outras grandes civilizações e outros povos, como um grande espírito emigrado que com eles houvesse convivido, batalhando a boa batalha, sofrendo os mesmos anseios e as mesmas dúvidas, os mesmos sonhos e as mesmas desilusões, e tudo no oiro mais puro desta língua, que tanto amou e engrandeceu.

Dessa coleção destaco, não por ser o melhor, o que seria difícil de julgar, mas por nos ferir a sensibilíssima corda patriótica, o belo soneto «O Brasil».

Pára! Uma terra nova ao teu olhar fuzgura!
 Detem-te! Aqui, de encontro a verdejantes plagas,
 Em carícias se muda a inclemência das vagas...
 Este é o reino na Luz, do Amor e da Fartura!

Freme-te a voz afêta ás blasfêmias e ás pragas,
 O' nauta! Olha-a, de pé, virgem morena e pura,
 Que aos teus beijos entrega, em plena formosura,
 — Os dous seios que, ardendo em desejos, afagas...

Beija-a ! O sol tropical deus-lhe á pele dourada.
 O barulho do ninho, o perfume da rosa,
 A frescura do rio, o esplendor da alvorada...

Beija-a ! é a mais bela flôr da Natureza inteiral!
 E farta-te de amor nessa carne cheirosa,
 O' desvirginador da Terra Brasileira !

Foi esta mesma robusta corda, sonora e entusiástica, uma das mais belas da sua lira, que nos deu, para nosso orgulho, o mais formoso poema da língua, escrito sob o calor destes sóes e o entusiasmo ardente de um grande feito. Certamente advinhastes que falo d' «O Caçador de Esmeraldas», sua obra prima, e que, na impossibilidade de recitar por inteiro, deixo também de fazê-lo em partes, para não profanar com mutilações a grandeza e unidade desse poema, que, como as paisagens, deve ser admirado em conjunto.

—Meus senhores:

Servindo-me de um pensamento do próprio Bilac, quizera que Ariel, o Sonho alado, sustivesse o curso das horas, para que ficássemos aqui, como num mundo melhor do que o nosso, suspensos num vago enleio encantado. (Esse enleio seria o embriagamento da poesia, aconselhado por Baudelaire, do qual vos falei no início desta palestra). E eu vos recitaria então, não esta ou aquela poesia; não este ou aquele soneto, e sim toda a cíclica obra do maravilhoso vate. Mas, quem no Brasil desconhece, a par de tantas outras preciosas gemas, — Ouvir Estrelas, Virgens Mortas, A Avenida das Lágrimas, Maldição, A Tentação de Xenocrates, Benedicite, Velhas Arvores, Tercetos, Hino à Tarde, Trilogia, Abisag, Remorso, Fogo Fátuo, Patria, enfim todas aquelas crisólitas e safiras, pérolas e ametistas, opalas e berilos, topázios e esmeraldas, onixes e rubis, que fizeram a riqueza desse milionário do ritmo e da rima, e que ainda hoje, faiscando como diamantes, estrelejam o mais alto céu da nossa literatura?!

Meus amigos:

Abstraio-me de falar do prosador nervoso e elegante, do cronista original e encantador, do conferencista primoroso, do delicadíssimo versejador das líricas infantis, do educacionista de todo absorvido no grandioso problema do ensino e educação da mocidade, do patriota sincero como os que mais o tenham sido: — falo-vos apenas do Poeta, através dos seus versos compilados em volume.

Em Olavo Bilac «foi tudo ascensão». «Tendo começado a vida entre as loucuras da boemia e as exacerbações imaginosas de uma arte carnal e sensual, foi aos poucos espiritualizando tanto a sua vida como a sua arte», disse-o Amadeu Amaral.

O seu último livro, — «Tarde» — prova este aserto, (aliás expresso em Sinfonia).

Nele não ha lugar para o amor ditirambico, de que é bela expressão «Sarcas de Fôgo», onde labios a todo momento se procuram, corpos a todo instante se entrelaçam na insatisfação do desejo, creado, quem sabe? talvez apenas pela volupia da sua hiperestesia cerebral, para a qual invoca o poeta a conivencia de todo o cosmos, das «vagas azues», do "curvo céu transparente," das nuvens, das estrelas e do luar, e, surge sempre um corpo nú de mulher palpitando

«No triunfo immortal da Carne e da Beleza!»

Tambem o sonho candido, cheio de encantamento, de andar ouvindo cantarem estrelas, falar o luar, palrarem flores e aroma, trinarem aves tagarelas num idilio eterno, sorrir na tristeza, chorar na alegria como fazem os «loucos e os amantes», transmudou-se numa suave melancolia de pôr de sol, no «adagio vespéral» que é como um preludio da noite imensa.

E, toda a inquietação de «Alma Inquieta», sensual, sentimental ou cerebral, mas de qualquer modo cheia de colorido e esplendor, e embora epidérmica como dizem alguns, sempre contagiosa, transforma-se em doce espiritualidade, ganha amplitude, finalidade humana. Obra outonica, sem o fulgurante deslumbramento da primavera e as crispações do verão, o poeta se faz nela menos egocentrico:

Vivereil Nos meus dias descontentes,
Não soffro só por mim ... Sofro a sangrar,
Todo o infinito universal pezar,
A tristeza das cousas e dos entes.

«Tarde» é, pois, uma coletanea de 99 sonetos,

espirituais e encantadores, verdadeiras filigranas do pensamento e do coração.

Aí, o nosso espírito se torna, por força e por fatalidade, inconstante em suas preferencias, como o colibri entre as flores.

Mas... porque não completou uma centena? O último reservou-o talvez para o dizer entre as estrelas, suas amigas. «Amanhece... Quero escrever...» foram suas últimas palavras. E lá, pelas regiões infinitas, bardo errante entre as estrelas, a que tanto amou e entendeu, talvez continue a entoar o seu canto, fazendo-o repercutir na acustica sonora e azulada dos nossos ceus, derramar-se no oiro fluido das estrelas, na prata espiritualizada dos nossos luars.

Vêde que delicadeza de tons nesse formosíssimo soneto:

Durma, de tuas mãos nas palmas sacrosantas,
O meu remorso. Velho e pobre, como Job,
Perdendo-te, a melhor de tantas posses, tantas,
Malsinado de Deus, perdi ... Tu foste a só!

Ao ceu, por teu perdão, a miuha alma, que encantas,
Suba, como por uma escada de Jacob!
Perdi-te... E eras a graça alta, entre as altas santas.
A sombra, a força, o aroma, a luz... Tu foste a só!

Tu foste a só!... Não valho a poeira que levantas,
Quando passas. Não valho a esmola do teu dó!
—Mas deixa-me chorar, beijando as tuas plantas,

Mas deixa-me clamar, humilhado no pó:
Tu, que em misericórdia as Madonas suplantas
Acolhe a contrição do mau... Tu foste a só!

Comparai agora a última quintilha d'«A Alvorada do Amor», que certamente tendes de cór, com esta quadra sublimemente espiritual d'«Os Sinos».

Plangei, sinos! A terra ao nosso amor, não basta...
 Cansados de ansias vis e de ambições ferozes
 Ardemos numa louca aspiração mais casta
 Para transmigrações, para metempsicóses!

Nesse precioso livro, onde aquele temor á morte,
 pelo apego a vida, — «a delícia da vida», que palpita
 nos olhos da mulher amada, como diz em «In Extremis»?

Não me amedrontas, Mortel o teu apelo escuto,
 Conto sem magua os sóes que me acercam de ti.
 E sem tremer á porta ouço o teu passo astuto.

Leva-me! A pós a luta, o sono me sorri:
 Cairei, beijando o galho em que fui flor e fruto,
 Bendizendo a sazão em que amadureci!

Meus amigos. Receio já estar abusando da vos-
 sa paciência. Vou terminar. Mas ainda quero dar-vos
 a conhecer, desse mesmo livro, o seguinte admiravel
 soneto, onde o espirito do filosofo realçou o do Sonha-
 dor insatisfeito, espirito de um Quixote, mas que em
 lugar de uma lança enferrujada como a do herói man-
 chego, empunha uma lira de oiro, como Apolo.

Ter nascido homem outro, em outros dias,
 — Não hoje, nesta agitação sem gloria,
 Em traficancias e mesquinhasias,
 Numa apagada vida merencorea...

Ter nascido numa éra de utopias,
 Nos aureos ciclos épicos da Historia,
 Ardendo em generosas fantasias,
 Em rajadas de amor e de vitória:

Campeão e trovador da Idade Média.
 Herói no galanteio e na cruzada,
 Viver entre um idilio e uma tragedia;

E morrer em sorrisos e lampejos,
 Por um gesto, um olhar, um sonho, um nada,
 Traspassado de golpes e de beijos!

O QUE DIZEM AS ESTRELAS

Como o céu, nesta noite, está cheio de estrêlas !
Gosto tanto de vê-las
tremeluzindo alem, nervosamente, assim !
As estrelas são mundos . . .
São pousadas de Deus, nos espaços profundos,
são adeuses de luz, nas solidões sem fim.

Como a noite se encheu de estrelas misteriosas !
Dir-se-iam rosas,
lumínicas,
que se abriram talvez, no Invisível jardim,
onde as almas se encontram, silenciosas,
onde estarei contigo e estarás junto a mim !

Si a vida, neste mundo, entre angústias imensas,
nos separou de vez, foi porque Deus, enfim,
muito mais sábio e justo do que pensas,
quis que nos amássemos assim,
olhando estrelas majicas, suspensas,
onde estarei contigo e estarás junto a mim.

Como o céu, nesta noite, está cheio de estrêlas
Somente para vê-las,
tremeluzindo ao longe, inquietas, foi que vim,
a pensar que algum dia, silenciosas,
as nossas almas brotarão em rosas,
nas estrelas distantes, lumínicas,
onde estarei contigo e estarás junto a mim . . .

1931

ATO DE FE'

Senhor, enfim meu coração deponho
a vossos pés . . . Eu vo-lo trago, enfim,
não desolado, pavido, tristonho
mas integrado fortemente em mim.

E eu, que, através de todo o humano sonho,
alguma cousa mais buscando vim,
em vós agora, em vosso amor, suponho
ter encontrado o necessario fim.

Abri-me as portas d'ouro da esperança,
acolhei-me na paz de vossa luz,
pois afinal meu coração descansa,
tão docemente como não supus,
na alegria serena, ingenua e mansa
de pertencer, apenas, a Jesus.

Passos Cabral.

Noção de tempo

Relativa, como tudo o que existe, a inteligência humana, por mais resplandecente e eletrisante, só pôde ter concepções relativas.

Illustra-se com a experiencia e a denomina — passado; apreende pela observação e a isso chama — presente; por indução e dedução tira ilações e dá o nome de — futuro, como se houvesse três tempos, como se o tempo não fosse um só — o presente, Contingencia humana !

Basta um ligeiro estudo comparativo entre o mundo físico e o mundo psíquico, basta atentar na analogia que existe entre eles, e para logo se verá mutatis mutandis, a verdade deste asserto.

Se não vejamos. A catálise, em quimica, é a ação que se efetua pela simples presença de alguns corpos, sem que estes sejam quimicamente modificados. Apreciemos a analogia desse fenomeno com o do saudade de um ente querido ou o da recordação de um fato que nos emocionou ou de uma serie de fatos que nos impressionaram.

A saudade, esse mal de que se gosa, esse bem que se padece, esse delicioso pungir de acerbo espinho, no dizer dos poetas, fenomeno eminentemente psiquico, é a ação que se efetua pela simples ausen-

cia objeto do amor, que se tem presente, quando evocado no momento pela memória, pela sensibilidade, sem que seja modificado esse objeto querido, nem tão pouco a sua situação.

O sól que nasce, o sol em pino, o sol que morre não são três sóes : é somente um sól, ao nascente, ao meio dia, ao poente, na mesmissima fase de irradiação.

A infancia, a puericia, a adolencia, a juventude, a madureza, a velhice, não são seis vidas, não são seis tempos : são uma só e mesma vida entre o berço e o tumulo, qualquer que seja a quadra da existencia. O passado e futuro são feições, são modalidades do presente. Tudo é presente.

M. J. SANTOS MELO.

ARACAJU'

A Edison Ribeiro

*Minha terra é a mais humilde do Brasil.
Mas aqui ha coqueiros muito verdes
E paisagens doentias !...
Ha noites cálidas e brancas
E um diluvio de luz todos os dias !*

*Aqui nasceu o São João, como nasceu Jesus.
Vê-se, em Dezembro, a estrela dos Reis Magos
Brilhar com a mesma luz...
E em Junho a velha tradição
Revive nas fogueiras, nos foguêtes,
No busca-pé e no balão.*

*Por isso, o que demanda longes terras
Leva, ao partir, o anseio de voltar
Ao pequeno rincão,
Onde é tão linda a noite do Natal
E lembra uma batalha a do São João!*

*Minha terra é a mais humilde do Brasil.
Areaes... areaes... paisagens doentias...
Mas aqui ha coqueiros muito verdes
E um diluvio de luz todos os dias !... .*

SILVA RIBEIRO FILHO.

Os nomes academicos

Bacharel e Medico Maximino de Araujo
Maciel

Filho de João Paulo dos Santos e D. Maria Clara dos Santos de Araujo Maciel, nasceu a 20 de Abril de 1866 na vila do Rosario, neste Estado, e faleceu na Capital Federal a 2 de Maio de 1923.

Oriundo de pais pobres e baldos dos principais recursos, depois de haver estudado preparatorios no Ateneu Sergipense, transportou-se para o Rio de Janeiro, onde com perseverança e ingentes sacrificios materiais, de 1890 a 1894 fez o curso de Direito e de 1896 a 1901 o de Medicina, profissão a que se devotou concomitante com a docência do Colegio Militar.

Lente catedratico de portuguezs no mesmo colegio desde 1893.

Por decreto de 19 de Fevereiro de 1919 foram-lhe concedidas as honras de tenente-coronel.

Professor de vasta cultura, angariou no meio em que exerceu a sua atividade mental a representação de erudito pelos profundos conhecimentos com que illustrou o seu espirito no estudo das ciencias juridicas, medicas, naturais e filologicas.

Pedagogo de alto descortino, no seu longo

percurso pelo magisterio deixou traços luminosos dos seus conhecimentos linguísticos.

Este notavel filologo foi socio do Instituto Historico de Sergipe, colaborador do "O Seculo", do "O Dia", do "O Debate", da "Revista Didactica", da "Revista da Lingua Portuguesa", todos do Rio, e correspondente politico do "Diario da Manhã", desta Capital, tendo nesta começado a sua colaboração em 1915.

Escreveu:

— *As proporções do individuo humano e suas deduções medicas e alitrológicas*: dissertação. Cadeira de anatomia medico-cirurgica. Proposições. Tres sobre cada uma das cadeiras do curso de ciencias medicas e cirurgicas. Tese apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 9 de Setembro de 1901 para ser defendida afim de obter o grande doutor em medicina — Rio 1901, 162 pags. in 8º Tip. d'«A Tribuna».

— *Gramatica Analitica*, baseada nas doutrinas modernas, satisfazendo ás condições do atual programa. Rio, 1887, 316 pags. in 12º. Tip. Central de Evaristo Rodrigues da Costa. Em 1894 publicou 2ª edição sob o titulo *Gramatica Descritiva*, Rio.

— *Filología Portuguêza*. Ensaios descritivos e historicos 188. Tip. José Dias Oliveira 120 pags. in 8º. Esgotada.

— *Gramatica Descritiva*, baseada nas doutrinas modernas com muitas notas e resumos sinoticos. Paris, 1902-1904 — 3ª edição aumentada, 360 pags. in 8º Tip. H. Garnier — Livreiro Editor. Em 1910 publicou a 4ª edição aumentada e refundida na Livraria Francisco Alves — Rio

— *Noções gerais de agronomia* professadas na

Escola Normal do Distrito Federal — Paris 1903. 109 pags. H. Garnier, Liveiro Editor.

— *Discurso* pronunciado na distribuição de prêmios aos alunos do Collegio Militar. Rio, 1903. 22 pags. in: 16º Tip, Orosco.

— *Valeur des differents methodes de traitement dans la tuberculose*: Memoria apresentada ao Congresso Internacional de Tuberculose reunido em Paris em 1905. Rio, 1905, 138 pags. in.8.º Tip. Orosco. Este Trabalho foi transcrito na Revue Internationale de Clinique et Therapeutique do dr. Robin, e recebeu honrosos elogios de eminentes professores e medicos da Europa. Entre os cientistas notaveis que o felicitavam se notam o sabio clinico alemão Menck, o dr Basilis Patrikios, erudito diretor do serviço de higiene de Atenas, Louis Renon, prof. da Faculdade de Medicina de Paris, Roger Minot, chefe de clinica da mesma Faculdade e autor de varios trabalhos, Charles Fiket, da Universidade Liège, Belgica, e do grande sabio japonéz Kitasato e outros.

— *Diagnostico precoce da tuberculose*: Memoria apresentada ao 3º Congresso Cientifico Latino Americano reunido no Rio de Janeiro em 1905.

— *Lições Elementares da Lingua Portuguesa*, professados no Collegio Militar—Rio, 1905, 176 pags. in 16º Livraria Francisco Alves.

— *Elementos de Clinica Geral* baseados nas modernas aquisições científicas. Rio 1907, 232 pags. in 8.º Tip. da Papelaria Brasil. Tem 2 edições refundidas no que concerne á parte geral Rio, 1913. Livraria Francisco Alves.

— *Illusions des arsemcaux clans la tuberculose*. Rio 1906, na Revista "Medico Cirurgica" do Brasil.

— *La medication urique dans la tuberculose*— Rio 1909, na mesma Revista.

— *Discurso* pronunciado na sessão realizada a 13 de Março de 1909 na Associação Mantenedora do «Orfanato Osorio» em homenagem ao general Mendes de Moraes. Rio, 1909, 10 pags. in. 16º Tip. Meuret & Cia. Pereira.

— *Discurso* gratulatório na promulgação dos pontos de Honra no Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, 1914, 16 pags. in. 8º peq. Oficinas Tipográficas da «Aurora Colegial».

— *A Constituição Federal* glorifica a incompetência e acaroção a irresponsabilidade. No «Diário da Manhã» de Aracaju, de 14 a 17 de Outubro de 1915.

— *A Escola Social Positiva* de Florentino Menezes, idem, de 24 a 28 de Abril de 1918.

LINGUA BRASILEIRA?

Extremados descendentes dos Tupinambás e Panazes, «gravidos de patriotismo», como diria Camilo Castelo Branco, aquecidos na pira de um nacionalismo um tanto inconveniente, tem manifestado o desejo de que a lingua em que, mal ou bem, nos exprimimos, e que nos trouxeram as caravelas de Cabral, não deve continuar com o antiquado nome de lingua portugêsa; mas se passe a chamar *lingua brasileira*, para gaudío deste Brasil gigante, que este país, vasto como a Europa inteira, não ha de conservar uma lingua de emprestimo, tomada, ademais, de um povo que vive numa pontinha do velho continente e não é o mais representativo do outro lado do atlantico.

Nem sempre o nosso pensar e o nosso agir, por melhor intencionados que sejamos, estão dentro da logica ou valem pela razão que representam.

A lingua por nós falada ha quatro seculos, que recebemos com a denominação de «portugêsa», e em que Pedro Vaz de Caminha contou ao venturoso D. Manoel a grandesa da nossa terra, não pode tomar outro nome, assim, da mão para o pé, como um individuo qualquer despe a camisa, em dia de calor, para sentir-se mais a vontade...

A lingua portugêsa, em que, ainda hoje, nos externamos, tem a sua origem, a sua tradição, e a

«Ultima flor do Lacio, inculta e bela»

decantada por Bilac em monumental soneto.

Quando «Venus bela» mostrou afeição á gente Lusitana, não foi, segundo os Lusíadas, tão só

«Por quantas qualidades via nela»

Sim, também, pela

«... língua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a latina».

Ora, a língua tem a sua estrutura, o seu encandeamento histórico.

Não podem, dela, ser retirados ou obscurecidos o prestígio ancestral que possui, a influencia directa que exerce sobre determinado povo.

A despeito, portanto, da evolução por que naturalmente, passou e de certas variações que sofreu no nosso país, não pode ser relegado o nome glorioso do idioma que nos transmitiram portugueses.

Se Coelho Neto, Euclides da Cunha, João Ribeiro e outros escritores e filólogos brasileiros enriqueceram-na com muitos e belos vocabulos que o seu talento e a sua capacidade literaria tiraram de fontes competentes, nem por isso podemos chegar ao ponto de dar outro nome á lingua portuguesa, que ainda hoje é a mesma «tão bela e tão suave como fillha promogenita da latina.»

O fato, lamentavel, de o nosso povo colocar erradamente os pronomes e construir frases de modo por que o não faz o português não nos confere o direito de dizer que a nossa lingua ja não é a mesma em que versejou Camões.

Nem é bastante o argumento de que no idioma que falam os brasileiros entram o elemento-africano e o indigena, porque tais elementos não anularam ou mesmo eclipsaram o elemento português sempre preponderante e harmonizador.

A proposito, transcrevemos, aqui, a opinião do eminente professor de português da Escola Normal do Recife, Rev. Jeronimo Gueiros, tirada de um artigo seu, na revista *Sacra Lux*:

«Se o orgulho nacional pudesse justificar a mudança do nome de uma lingua — histórica, opulenta e viva, como a portuguesa — sob o pretexto de uma ligeira dialeção, os americanos dos Estados Unidos já deveriam ter mudado o nome da lingua que a Inglaterra lhes mandou na boca e nos documentos escritos dos puritanos que, nas influencias novas do Novo Mundo, ergueram a mais esplendorosa das civilizações anglo-americanas.

Conservaram, porem, o nome histórico da lingua que receberam dos ingleses.

A Argentina, cujo estupendo progresso acaba de deslumbrar o nosso presidente e sua numerosa comitiva, na ufania da grandesa de uma das principais nações sul-americanas, deveriam ter aproveitado a feição característica do castelhano ali falado, para dar-lhe nova denominação.

Contenta-se, entretanto, em clamar-lhe a lingua nacional, sem negar que esta seja a castelhana.

Por que teriamos nós de romper com a tradição da bela e sonora lingua que nos legou a Lusitania, renegando-lhe o verdadeiro nome ? »

Tambem no conceituado jornal baiano «A Tarde» o preclaro Dr. Prado Valadares assim se exprimiu :

«Pois que ninguem ignora que *lingua brasileira* é, propriamente, expressão sinonima de *lingua-gera dos aborígenes* afirmar-se ao mundo que falamos esse, e não o formoso idioma que a civilização portuguesa, alem de outras dadas portentosas, nos legou — ressoa aos meus ouvidos como importuna explosão de mal composta ironia.

Quer-se dizer, com isso, que tamanhamente desmedramos em dotações de cultura — na rota batida, que se vê e que se sente, para o descalabro da anarquia ou para a servidão do protetorado; aproximamos, regressivamente, tanto da condição mental dos ameríndios: que fora lógico e natural também lhes copiassemos, a par do pensamento sem elevação e da soltura dos costumes, o mecanismo verbal primitivo».

Como brasileiro, amante de Portugal, esse Portugal glorioso que teve como glória maior o descobrir ao mundo este novo mundo que é o Brasil, conservando-lhe a hegemonia que perdura a despeito de tudo o que vemos e sentimos; como membro, ainda que o mais apagado, de uma Academia de Letras, embora seja a do menor Estado brasileiro, votamos contra essa inovação desprimorosa, descabida e precipitada, que «não tem asa por onde se lhe pegue», para usarmos também uma expressão de outro português insigne, o Dr. Candido de Figueiredo, que tanto despertou no nosso país o gosto pelo estudo da língua que é nossa como dele era.

Disse Guerra Junqueiro que os homens e os países valem mais ou menos, conforme o seu grau de fraternidade e de amor.

E o que tem pensado fazer brasileiros dominados, por condenável jacobinismo não é mais do que uma ingratidão para com o Portugal de Nuno Gonçalves, de D. João II, de Camões, de Cabral, de Damião de Góes e de Pombal.

O Brasil ha de ser sempre grande pelo tamanho do seu território e pela magnitude do coração de seus filhos.

Aracaju, Abril de 1936.

PEDRO S. MACHADO.

PALMEIRA

Palmeira! Tu és o egoísmo, és a ansiedade
do triumpho, da riqueza da ambição.
Negas, na febre da grandiosidade,
os bens que as outras arvores nos dão.

Onde o affago da sombra? Onde a bondade
do futuro? Onde a doçura da razão?
—Nunca nas tuas verdes palmas ha-de
sorrir um ninho, ouvir-se uma canção!

Quantas almas assim, na ansia grosseira
de vencer e subir, a vida inteira,
se encarceram no egoísmo da soidão!

Mas, ah! será baldada essa canseira!
A' terra presa ficarás—Palmeira,
Alma—ficarsá presa á imperfeição!..

CLAUDIO TULLIO

IN EXTREMIS

Nunca morrer assim / Nunca morrer num dia
Assim / de um sol assim /

Tu, desgrenhada e fria,
Fria / postos nos meus os teus olhos molhados,
E apertando nos teus os meus dedos gelados...

E um dia assim / de um sol assim / E assim a esfera
Toda azul, no esplendor do fim da primavera /
Asas, tontas de luz, cortando o firmamento /
Ninhos cantando / Em flôr a terra toda / O vento
Despencando os rosais, sacudindo o arvoredo...

E, aqui dentro, o silêncio... E este espanto / e este medo /
Nós dois... e, entre nós dois, implacavel e forte,
A arredar-me de ti, cada vez mais, a morte...

Eu, com o frio a crescer no coração,—tão cheio
De ti, até no horror do derradeiro anseio!
Tú, vendo retorcer-se amarguradamente,
A bôca que beijava a tua bôca ardente,
A bôca que foi tua /

E eu morrendo / e eu morrendo
Vendo-te, e vendo o sol, e vendo o céu, e vendo
Tão bela palpitar nos teus olhos, querida,
A delicia da vida / a delicia da vida!

OLAVO BILAC

INSONIA

(Parodia ao «In Extremis» de Bilac)

Como dormir assim !? Como dormir em noite
Assim ?! De um luar assim ?!

Eu, da saudade o açoite
Sentindo n' alma, e a arder, e a queimar os meus lábios,
Dos beijos que me deste os tão doces ressabios !...

E a noite assim... de um luar assim... E assim o céu
De um lindo e claro azul, sem nuvens e sem véu !
As aves, a dormir, na tepidez dos ninhos
Encontram no seu par confortos e carinhos !
Nem uma aragem sopra... Em calma a terra eu vejo !

E, aqui dentro, esta insonia... Esta ansial Este desejo !
Eu só... Tu, em minh' alma ! Entre nós, a saudade !
E a arredar-me de ti, bem pouco, na verdade !

Lá, tens também de amor o coração ardendo...
Talvez que sofras tudo o que eu estou sofrendo !
Aqui, eu sentindo ainda o perfume inebriante
Da bôca que beijei naquele eterno instante,
A bôca que foi minha...

E esta insonia, ó ! e esta ansia...
Vendo o céu... vendo o luar... e vendo-te, á distancia...
E a queimar o meu lábio, e a acender-me o desejo,
—A volúpia do beijo ! A volúpia do beijo !...

Aracaju, 14—10—24

EXUPERO MONTEIRO.

SEU JOAQUIM

Por PIRES WYNNE

Joaquim Amancio Bispo falecido ha pouco no Estado de São Paulo, em Guarulhos, nasceu em Sergipe, na cidade de Estancia, e por muitos anos viveu na minha terra natal, em Riachuelo, centro das suas atividades e testemunha alegre dos seus lances de cavalheirismo.

Sim, porque Joaquim Amancio Bispo ou, simplesmente, Joaquim Sacristão, como por cá e então era mais conhecido e chamado, sem tradições de familia, sem instrução academica, mestiço, fez-se, entretanto, senhor de uma espetaculosa mas consagradora popularidade, e foi assim, bem um segundo Cartas Altas, mas muito mais feliz que o primeiro, pois não teve nunca a amarga fortuna de ver esgotada a sua mina de ouro, mina que trazia sempre á vista no aberto coração.

Contam-se por dezenas as passagens interessantes da sua vida.

Rasgos muitas vezes delirantes e queixotêscos, de exaltada e romantica fidalguia.

Revelações de talvez inconciente humorismo ou estudada ironia.

Mas, tudo, resumindo, espontaneas festas do seu espirito sempre inclinado para o Bem.

Basta dizer que em Riachuelo, conta a gente do outro tempo, era a sua casa o centro da cidade, e tanto a fartura e grande o acolhimento a qualquer hora, que bem aparecia um hotel, e mais que um hotel! uma casa de nababo.

Deixou o estado natal,

Tomou o rumo do sul,
S. Paulo.

E, por muito tempo, não esquecido do norte, mas cuidando mais da educação dos filhos, passou silencioso.

Um dia, a saudade apertou demais o coração, e ei-lo, visitando os amigos, outra vez na terra natal.

Foi por esse tempo, que eu, ainda menino, o conheci.

Quando, anos depois, faz pouco tempo, visitei o Estado de São Paulo, muito antes de perguntar já amigos-baixanos, paulistas, sergipanos, o Queiroz Couto, o Gabriel Marques, o Cleomenes, todos falavam satisfeitos da alegria de Guarulhos, na chacara de Amancio Bispo, acolhedor, gentilíssimo.

Não tive, infelizmente, tempo, oportunidade, e voltei sem a visita esperada.

Mas, regressando, trazia a imensa satisfação de poder afirmar: é o mesmo homem. Não mudou.

E não mudou.

Foi sempre a mesma cousa durante toda a sua vida.

Hoje, ao receber a notícia do seu falecimento, logo um rosario de recordações fui desfiando, e, na memória, passeando, num bando de reminiscências, vi, risonha, a figura simpática de seu Joaquim, velho amigo de meu pai.

Abril, 1936.

Dr. Eduardo de Magalhães

A deficiência dos nossos serviços de cabotagem e ferroviário, forçando-nos a viver um tanto isolados dentro do país, nos traz, em todos os domínios da atividade, não pequenos prejuízos.

A lavoura, eixo de nossa vida económica, não recebe novos influxos que a libertem do espirito de rotina; as indústrias, sem amplitude de horizontes, vivem pèrras e timoratas; os capitaes, receiosos de insucessos, se imobilizam canalizados para os bancos e caixas económicas, quando não fossilizados em apólices da dívida pública; o commercio, sem ambito de ação, não pode expandir-se, sofrendo a pressão asfixiante dos fretes pesados e das tarifas altas; a própria evolução social se processa com demasiada lentidão.

O isolamento é um grande fator de pobreza entre os povos.

O transporte rapido e economico é o mais alto coadjuvador da grandeza das nações.

As estradas terrestres e as rotas marítimas desempenham na ordem económica o papel das veias que se alastram pelo corpo animal, conduzindo com rapidez o sangue aos pontos mais distantes de sua séde.

Vieram-me á mente estas considerações que aqui parecem osiosas, ao me recordar do fato que se verificou com o notavel sergipano Dr. Eduardo de Magalhães.

No meu afã de anotar, para uso proprio, o ma-

registral Dicionário Bio-bibliográfico Sergipano do meu saudoso amigo Desembargador Armindo Guaraniá, pondo-o em dia, com a relação dos livros publicados depois do falecimento do autor, procurei entender-me com os Drs. José e Eduardo Fernandes de Magalhães, o primeiro residente no Porto, em Portugal, e o último na cidade do Rio de Janeiro, afim de saber o que tinham publicado por último, nos domínios da atividade intelectual de cada um.

Depois de não pequeno trabalho vim a saber que o Dr. José Fernandes de Magalhães já não pertencia ao número dos vivos.

Falecera em 1927, na cidade do Porto, onde constituiria família e deixara viúva.

Médico estudioso se consagrara á clínica pediátrica e á hidroterapia, tendo deixado sobre este último assunto trabalhos publicados.

Falecera sem que se soubesse em Sergipe!

Cousa idêntica ocorrera com o Dr. Eduardo de Magalhães, seu irmão e autor da obra mais completa que conhecemos, no Brasil, sobre higiene alimentar.

O seu obito ocorrera em S. Paulo a 9 de Maio de 1929, sendo os seus despojos transportados para o Rio de Janeiro, em carro especial, ligado ao segundo noturno de luxo, afim de ter repouso perpétuo no jazigo da família no cemitério de S. João Batista.

Não se deu do fato a divulgação que seria justo esperar se desse, dado o destaque de que gozava o falecido nos meios sociais e científicos do país.

Ignorando semelhante ocorrência e desejoso de saber se o Dr. Eduardo já dera a última demão no seu livro Higiene Alimentar, de que só conhecia os dois primeiros volumes, procurei saber, em Abril de 1932, o seu endereço, no Rio de Janeiro, onde sabia ter a sua residência.

Ninguém me soube informar.

Recorri aos catalagos telefonicos e neles não encontrei o seu nome.

Fiz outras pesquisas que foram infrutíferas.

Por ultimo vim a saber que falecera, não se precisando o lugar nem a época.

Recorri então ao seu prestimoso amigo jornalista Vicente Calameli, rogando-lhe dêsse uma batida nos cartorios de registro civil e nos livros de registro obituario dos cemiterios do Rio.

Mas como proceder aquele amigo se não tinha uma data ao menos aproximada que servisse de ponto de partida?

O seu esforço foi baldado.

Em conversa, porém, com companheiros de imprensa veio a saber que a morte se dera em S. Paulo.

Dirigiu então para a capital bandeirante as suas pesquisas.

Depois de alguma demora, logrou saber o dia do falecimento e o destino dado aos restos mortaes do chorado escritor sergipano.

Faltava agora conhecer os pormenores, mas como se não havia noticia da existencia de parentes do morto que falecera em estado de solteiro?

Recorri ao velho amigo da familia, residente na Estancia, coronel Francisco Martins, que me informou existirem no Rio de Janeiro um irmão e uma irmã do Dr. Eduardo, indicando-me o estabelecimento comercial Notre Dame de Paris, como o lugar em que seria provavel encontrar-se o referido irmão.

Recorri novamente ao meu amigo Vicente Calameli. Este me deu depois conta do que conseguira em carta de trinta de Abril de 1932 de que destaco os trechos que se seguem.

«Iniciei ontem os primeiros passos para conse-

guir o que deseja, isto é, dados para uma biografia do Dr. Eduardo de Magalhães, falecido na cidade de São Paulo.

Seguindo sua indicação fui á Notre Dame de Paris, antiga casa de modas, tradicional na rua do Ouvidor e hoje novamente em destaque. A custo consegui saber que o sr. Augusto deixára o estabelecimento ha muitos anos.

Indagando onde poderia ser encontrado, deram-me, de modo um pouco vago, o nome de uma casa de sêdas na mesma rua e pertencente a um senhor Bernardo Fonseca — um velhote com quem falei, pedindo notícias do sr. Augusto. Informou-me que não o via ha muito tempo e que residia na Avenida Mem de Sá n.º 57, onde poderia ser procurado muito cedo ou então meio dia e á noite, porque durante o dia andava pela praça.

Depois do jantar resolvi estender mais longe o meu passeio habitual e fui á casa do sr. Augusto.

No ponto indicado bati e fui recebido com muita desconfiança por uma velhota que exigiu declinasse o meu nome, ao que me não furtei, acrescentando que ali me achava a pedido de uma pessoa de Sergipe que ele mesmo não conhecia.

Veio então o velhote que me recebeu muito atenciosamente.

Dei-lhe conta da minha missão.

Pedi-me que me dirigisse a uma irmã mais velha, d. Ana, na Pensão Veloso, na rua Marquez de Abrantes 92.

Telefonei para a referida pensão, afim de saber a que horas poderia ser recebido por d. Ana Magalhães. A informação foi de que se mudára para Niteroi, sem que se soubesse indicar a rua. Não desanimei, porém. Fui pessoalmente a Pensão Veloso e la foi pos-

sível saber que d. Ana se achava residindo na Pensão Caxias, no Largo do Machado.

Como fosse perto o ponto novamente indicado fui até lá.

Afinal descobri a residência de d. Ana.

É uma velhota ainda forte, mas delgada de corpo.

Demonstra ser pessoa de fino trato e fala com certa facilidade.

Ao que deduzi, pouco terá a mais do que já está publicado no Dicionário do nosso saudoso amigo Dr. Armindo Gurana.

D. Ana parece nada possuir do morto.

Alega que grande parte dos livros foram extra-
viados depois de sua morte, em S. Paulo, acrescentando que n'uma de suas viagens de estudos á Europa demorára por lá mais do que a princípio julgára, resultando o senhorio da casa em que tinha o seu consultorio e biblioteca impacientar-se com a ausencia demorada do inquilino, mandando os livros para uma casa de moveis, onde se perderam.

Disse ainda que o Dr. Eduardo separara uma coleção dos seus melhores livros sobre medicina, pon-do-os em três caixotes que foram oferecidos á Biblioteca da Faculdade de Medicina, que nem sequer accusára o recebimento''.

Parecerão intrusos nesta noticia biografica estes trechos de uma carta íntima, Transcrevendo-os procurei dar um testemunho do quanto é trabalhoso e caro um livro semelhante ao que nos legou. o espirito paciente e infatigavel do Desembargador Armindo Guaraná, salientando ao mesmo tempo as dificuldades que tive de vencer para adquirir dados mais completos para uma noticia biografica do Dr. Eduardo de Magalhães.

De vez que coube a mim o trabalho de desco-

brir a data em que esse notavel conterraneo se despidira do mundo, ocultando-se nas sombras do tumulto, entendeu a Academia Sergipana de Letras, por um erro que busquei evitar, que me coubesse a missão de falar numa de suas sessões solenes sobre essa figura empolgante de nossas letras medicas, correspondente que era do sodalicio.

Isto, porém, não aconteceu.

A Academia, sofrendo as injunções do meio, não tem podido desempenhar a risca o seu programa de ação. Uma sessão magna que se projetára em homenagens aos academicos falecidos nunca se pôde realizar.

Assim me vi na contingencia de trazer para aqui as palavras que pretendi proferir na Academia sobre o Dr. Eduardo de Magalhães.

Antes, porém, de falar do homem quero falar, em curta digressão, da terra dadivosa que lhe serviu de berço.

Refiro-me á Estancia, porta por onde penetraram os primeiros albores da civilisação regional, primoroso ninho de fadas que se vão, todas as manhãs, quaes ninfas de uma nova mitologia, purificar o seus corpos de jaspe e carmim, numa ablusão do cristal liquido que são as aguas lustraes desse murmuroso Piauítinga, suave e perene jordão sergipano que a musa patricia se não cança de celebrar em versos de ouro.

Sim, refiro-me a essa Estancia de clima sempre primaveril a que a musa faceira de Constatino, um dos seus vates renomados, consagrara estes versos entusiastas:

«O' minha pátria, minha bela Estancia,
Formosa Pártenópe americana,
Estendida no seu divan de flores,
No abandono lascivo de Sultana.

Como és linda e gentil, quando os orvalhos
Das manhãs humedem-te o semblante !

Quando da viração almos frescores
Embalançam-te a coma vereejante!

Quando nas noites de luar pomposo
Abres o seio ás efusões de prata,
Quando o teu rio, trovador mavioso,
Vem cantar-te uma doce serenata,
Quando as flôres te pëjam de perfumes,
De seus pingentes te enriquece a lua,
Por Deus! que diante da lindeza tua,
De ti houvera Napoles tiumes! »

A Estancia, resa a tradição, já reduzida a texto por Laudelino Freire, teve origem numa fazenda de igual nome, que pertencera a um certo Pedro Homem.

O seu municipio tem uma superficie de cinco leguas quadradas e o seu clima é ameno e temperado.

Situada á margem esquerda do rio Piauítinga, está a 15 milhas distante do mar; e fica a 11° e 10' de longitude meridional e a 5° e 39' de longitude oriental.

Seu povo é laborioso e hospitaleiro, o seu commercio, solido e rigorosamente honesto e as suas industrias ricas e prosperas.

Do seu ubere regaço saíram para as letras e para as ciencias, para as artes e para as industrias, muitas das notabilidades de que se orgulha o Estado.

A' medicina deu, além de outros, Constatino, Fiel de Carvalho, Jesuino de Avila, José Lourenço (Pai de Eduardo de Magalhães), João Sabino, os três irmãos Teles de Menezes, Josino Cotias, Constancio Soledade, Fabricio Vampré, os dois irmãos Moreira de Magalhães, Ladislau Barreto, Paula Freire e os dois irmãos José e Eduardo de Magalhães.

As letras juridicas deu, além de outros, Tobias Barbosa de São Calixto, o primeiro sergipano formado em Coimbra, segundo o testemunho de Severiano Cardoso, Dionizio Dantas, Manoel Barbosa de Araujo,

desembargador Galvão, Manuel Luiz, Gumercindo Bessa, Costa Carvalho Filho e Heitor de Souza.

A's letras sagradas, D. Domingos Quirino, 2.º Bispo de Goiaz, Conego Antonio Luiz, João Francisco de Carvalho, Manuel José Alves, Monsenhor Silveira, o fundador da imprensa sergipana, Raimundo de Matos, Campos Silveira, Miguel Teixeira e o padre Bastos, como mais era conhecido, a cujas expensas foi construída, sob a sua propria iniciativa e orientação, a capela do Rosario.

Deu poeta como Constatino, Leopoldo do Amaral, os irmãos Severiano e Sinfonio Cardoso, e Pereira Barreto; romancistas como Gomes de Souza, Tito do Amaral e o proprio Constantino; militares como o Brigadeiro Manuel Fernandes da Silveira e os irmãos Tito e Leopoldo do Amaral, Capitão Joaquim Rodrigues dos Cotias, General João de Avila Franca, e Capitão Tertuliano Antonio Pereira Barreto; musicos como Antonio Pedro Moreira de Queiroz, exímio violinista, autor da afamada valsa Borboleta Azul, Padre Antonio Pereira Pinto, portador de voz maviosissima, os dois irmãos Padre Job e Tobias de Magalhães, especialmente o ultimo, Marcelo José de Santa Fé, Cipriano Garapa, assombro de talento artistico, José de Araujo Ribeiro, autor da afamada valsa Flor de cêra, que teve grande voga no seu tempo; educadores como Manuel Erencio, Bricio Cardoso, e Teixeira de Faria; herois como Camerino, José Onofre Blansford Cardoso e Capitão Salomão.

Foi desse himalaia de nossa vida intelectual, que é a Estancia, berço de nossa imprensa, que emergiu para a vida das letras e as pesquisas das ciencias o espirito fortemente alado de Eduardo de Magalhães, a cuja memoria rendo aqui comovida homenagem.

Espirito delicado e afetivo conhecia todos os segredos da ternura filial.

Verifiquemos esta finura do seu espirito no portico de sua obra monumental — A Higiene Alimentar.

Abrindo este livro, que talvez seja o unico, no genero, em nossa literatura, fê-lo com estas tocantes palavras á memoria do seu notavel genitor:

«Com a tua morte, meu pai, perdi o melhor amigo, o mais carinhoso mestre.

Tua passagem para o Além foi-me uma horrorosa surpresa, uma violenta comoção que abalou profundamente a minha alma.

A saudade que ficou a torturar-me o coração é infinita.

Tu eras o meu altar, onde eu ajoelhava reverente; eras o sacrario das minhas maguas e das minhas alegrias, — o sol de minha alma, o meu anjo protetor.

Ao teu lado tudo me corria bem, tudo eram festas de encanto, tudo favos de ventura.

Mas . . . fatalidade!

Quando te supunhas forte e vigoroso, estrugiu-te aos ouvidos o éco terrível da humana contingencia, corporizado neste funereo verso de Horacio:

Pulvis et umbra sumus!

Sem me dares o derradeiro adeus, ó meu desditoso pai, baqueaste como aqueles a quem perfurasse o tendão de Achilles uma sinistra e invisível dextra que emergisse inopinadamente das sombras do misterio.

Cruel fatalidade!

Estava eu a escrever este meu trabalho, inspirado pelo teu exemplo de medico devotadissimo e avigorado pelos luminosos conselhos de tua longa experiencia, no intuito de t'ó dedicar como profunda homenagem de respeito, de amor e de gratidão.

O destino não quiz que eu depuzesse em tuas mãos o meu pobre livro; mas ele te pertence e é por isso que o dedico á tua santa memória.

De presente de festas, passou á sagração de tumulo, á homenagem postuma.

Quando me erguia da minha banca de-trabalho, a que presidias, para t'ó dedicar como insignificante obulo de tributo filial, que te devia e deverei eternamente, tinhas partido, deixando-me o compromisso de honrar a tua memória, e legando-me um nome que será o melhor estímulo ao trabalho de teu filho.

Aceita, meu estremoso pai, esta oferenda postuma, que tem alguma cousa dos volatos do incenso do esquife de um ente amado.

Anjo tutelar dos meus destínos, perfuma-o com o nardo de tua benção, lá da mansão dos justos. É nada mais ambicioso».

Consagrando-se ás ciências medicas foi o Dr. Eduardo de Magalhães um clínico conceituadíssimo e um investigador pertinaz no vasto campo de sua especialidade.

Coube-lhe ser um dos primeiros medicos a aplicar no Brasil a radioterapia.

Ainda bem não deixava o estetoscopio do clinico e já empunhava a pena do escritor fulgurante e imaginoso. Mal saía da atividade profissional e já se entregava aos altos estudos de gabinete, não conhecendo canceiras nem desalentos.

Estava a dois passos do tumulo que o havia de tragar e lutava pertinazmente pela conquista de maiores conhecimentos tecnicos, com os quais pudesse prestar mais altos beneficios á coletividade.

Em carta íntima que de Poços Caldas, em Minas, dirigira á sua mana, D. Ana, a 15 de Março de 1928, dizia:

«Estive alguns dias em S. Paulo, cent vezes maior que em eras remotas! Turcos, italianos — aos milhares.

Não pude calcular precisamente se obteria êxito em permanecer lá. Em todo caso a expectativa foi bôa. Começarei, caso possa, a realizar estudos sobre a tuberculose, e, logo depois, sobre a lepra.

A bôa vontade sempre ultrapassa os esforços intellectuais».

Não foi promessa vã.

Em outra carta, feita a 11 de Março de 1929, menos de dois mêses antes de sua morte, dizia novamente a D. Ana:

«Estou com elementos para outro artigo que domingo pretendo escrever e assinar meu nome, deixando o pseudônimo. Ando com estas prebendas como se não tivesse o tempo todo ocupado com outros estudos. Irei amanhã a Santo Angelo, onde vou realizar varias experiencias sobre a lepra.

A doente principal de tuberculose chegou a não ter mais bacilos e muito engordou como nunca estivera quando com saude; mas por um mal entendido, deixou de ir ao Dispensario e cortou o tratamento». O artigo prometido sahi no «Jornal do Comercio» de 3 e 5 de Maio de 1929, 4 dias antes do seu falecimento. É um interessante estudo sobre a profilaxia e tratamento da febre amarela, assunto que vinha perlustrando proficientemente, sob o pseudônimo de Dr. L. U. Z. Jambeiro, e por ultimo com o seu proprio nome, atendendo á razoavel pedido de sua mana, D. Ana Magalhães, que se não podia conformar com o fato das fulgurações de tão formoso talento estarem se esbatendo anonimamente no campo da ciencia.

O espirito idealista do Dr. Eduardo de Magalhães nunca soubera dar guarida a sentimentos inferiores.

Desconheceu sempre todas as gradações do egoísmo, o seu espírito altruista nunca se preocupou com a posse de bens materiais, assim é que não legou á sua família mais do que a simpies tradição de sua grande honestidade, quando poderia ter deixado larga cópia de bens materiais.

Sempre interessado pela solução dos nossos magnos problemas, jamais se cançou de clamar pela solução dos mesmos.

De sua principal obra, Higiene Alimentar, destacamos exortações como esta:

«Deixemos o miseravel egoísmo e, enquanto é tempo, levantemos confiantes os olhos para o céu azul do engrandecimento e da felicidade de nossa estremecida pátria».

Falando do problema do amparo á infancia fê-lo neste tom superior e brilhante:

«Sempre que se me ofereceu oportunidade, tratei dos cuidados reclamados pela infancia, garantia incontestavel da existencia perene dos povos e do seu engrandecimento: pois a humanidade na infancia, hoje é povo e nação amanhã. Se a civilização quer dizer progresso, aperfeiçoamento, não haverá povo civilizado se não quando no seu seio a criança fôr cercada de todos os cuidados que assegurem a sua prosperidade. A cultura da planta humana merece os melhores esforços. A questão da infancia prima, impõe-se com efeito, ás demais questões sociais».

O Dr. Eduardo Fernandes de Magalhães nasceu na cidade de Estancia a 16 de Fevereiro de 1866.

Fez o curso medico na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde recebeu o grau de doutor em 1888.

Depois de formado abriu consultorio clinico na então Corte do Imperio.

Em 1889 seguiu para Entre Rios, no Estado do Rio,

fazendo parte da comissão de combate á febre amarela, tendo em 1890 igual comissão na cidade paulista de Campinas, onde exerceu depois os cargos de delegado de higiene e vacinador municipal.

Mais tarde transferiu-se para a Capital Federal, onde continuou a clinicar, consagrando-se ao mesmo tempo aos estudos de sua ciencia.

Fazia muita caridade no exercício de sua profissão e tratava com o mesmo interesse o cliente dinheirinho e o indigente.

Faleceu de um colapso cardiaco. Era no dizer laconico do «Jornal do Comercio», do Rio, «uma das grandes notabilidades brasileiras. Possuia cursos especiais feitos em diversas academias da Europa». Publicou diversos livros sobre medicina, sendo o mais importante deles o que deu o titulo de Higiene Alimentar, de que se perdeu o 3º volume no incendio da Imprensa Nacional, ao tempo do Dr. Juvin.

Outros detalhes sobre a vida do Dr. Eduardo de Magalhães poderão ser encontrados no Dicionario do desembargador Armindo Guaraná.

EPIPHANIO DORIA.

Espírito singular

Por PIRES WYNNE

O Brasil intelectual, não resta dúvida, está ficando vazio e cada vez mais triste.

Nos últimos tempos, um fatalismo atroz, barbaro e chocante, vem devastando sem pena o campo das letras nacionais.

Ainda agora, ferindo em cheio o coração da nossa mais radiosa afirmação de talento em plena primavera, a morte, rápida e certa, acaba de prostrar Ronald de Carvalho, figura das mais simpáticas, equilibradas e fidalgas do atual momento literário.

E no momento presente, fase de trágicas angústias universais, período de inquietação e verdadeira transição em todos os setores da nossa vida espiritual, era Ronald de Carvalho, no Brasil do nosso tempo, uma verdadeira esperança e uma clarinada, toque de reunir, rebate de confiança e entusiasmo, dando vida, animando os últimos remanescentes do passado, e disciplinando, com alegre energia e doce alma, os surtos indecisos do presente, a floração das hostes renovadoras.

Possuindo em alto grau o senso da medida, Ronald soube muito cedo fazer uma bem justa aliança, compreender que mesmo o absoluto é relativo, e assim é que em tudo que deixou revela sempre um grande respeito e uma grande alegria, experiência e animação, um pouco de velho cheio de mocidade.

Porque o que ha em Renald, desde o seu aparecimento é, sobretudo, um seguro equilibrio um passo firme e elegante, caracteristicos da vivacidade do seu espirito profundamente serio, mas sem asperesas, senhor de si mesmo, sutil modelo de delicadeza e energia intelectual.

Cedo apareceu.

Cedo fez o seu nome.

Creando em torno de sua obra de escritor um grande circulo de simpatia, e agora, ainda cedo, em pleno goso da vida, em meio da alegria, da festa do seu destino, desapareceu Ronald, e assim perdemos nós um dos mais nobres vultos contemporaneos, um orientador sereno da critica, um ensaista moderno, um fino prosador.

Não sabemos, não é facil apontar quem no momento possa substituir no cenario nacional o conterraneo que acabamos de perder.

Pela pureza, limpidez do seu estilo, elegancia e nobresa do seu carater, firmeza e harmonia da sua obra Ronald, bandeirante dos ritmos novos e renovodor da critica, soube traçar, sem incoerencias absurdas nem comprometedoras, uma linha admiravel de conduta literaria, plasmando, assim, no cenario de tão confusas e divergentes atitudes que é a vida brasileira, nos seus mais diversos aspectos, a estatua viva de sua joven e inconfundivel personalidade, abrir novos caminhos, rumos, perspectivas.

NOTA

Dando acolhida, hoje, nesta revista, ao «Espírito singular», trabalho já publicado na imprensa desta capital pelo dr. Pires Wynne, por ocasião do passamento de Ronald de Carvalho, queremos numa prova de cordialidade e admiração, prestar mais uma vez a nossa homenagem ao grande escritor e critico da pequena «Historia da Literatura» dos «Estudos» e tantas outras obras de valor, gloria do Brasil contemporaneo.

VERSOS DE PIRES WYNNE

Felicidade, Humildade

LONGO O CAMINHO, VÊS ? E' CURTA A VIDA.
JAMAIS TE ILUDAS. TODA GLORIA É VÃ.
O SOL QUE DOIRA A ESTRADA PERCORRIDA
MORRE, E SÓ VIVE A FLÔR UMA MANHÃ.

O QUE PENSA ALCANÇAR, AQUI, NA VIDA
OS LOUVORES DA VIDA TRANSITORIA,
ALIGERA, FUGAZ, FALSA, ILUSORIA,
ACREDITA NOS LOIROS, NA FINGIDA
PALAVRA DOS QUE LOUVAM SUA GLORIA;

E PENSA SER UM REI. E SENTE GÓSO
NOS LOUVORES HUMANOS, PASSAGEIROS,
ACLAMAÇÕES DE VIS AVENTUREIROS,
JULGA SER IMORTAL E VENTUROSO
NO SEU SONHO DE GLORIA E DE AMBIÇÃO,
NADA FEZ, NADA VIU, NADA VENCEU.
NUM DIA, SEM SABER SABER, POBRE ORGULHOSO !
VERÁ QUE NADA TEM NA SUA MÃO.
TODA GLORIA DO MUNDO É FEMENTIDA
E NÃO HA SONHO BOM NEM SONHO VÃO.
MUITAS VEZES AQUELE QUE DUVIDA,
TEM UMA ALMA SEM FÉ, DESILUDIDA,
E' QÜE TEM O MAIS PURO CORAÇÃO.

VERSOS DE PIRES WYNNE

Todas cantavam

TODAS CANTAVAM. NO ENTANTO,
A VOZ DELA É QUE SE OUVIA.
CANTAVA SEM VÊR O PRANTO
QUE DOS MEUS OLHOS CORRIA.

EMQUANTO LINDA CANTAVA,
COMO UM PASSARO SORRIA,
NO MEU PEITO REBENTAVA
UMA FONTE DE AGONIA.

TODAS CANTAVAM, NO ENTANTO,
A VOZ DELA É QUE SE OUVIA.
INDA AGORA LHE OUÇO O CANTO,
LINDO E CLARO COMO O DIA.

A «blague» da descoberta

Para lamentar com repetidos lamentos culturais em campo raso da História, é o fato de ser ainda hoje ensinado e aprendido sob os tectos das escolas e dos gínasios oficiais brasileiros, o falso e estúpido acontecimento da famosa *descoberta do Brasil* pelo almirante agricultor e marinho vinícola Pedro Alvares Cabral.

Essa «blague,» como tantas outras mais ou menos pitorescas fantasiosas, e absurdas, se tem repetido em milhões de aulas e milhares de livros, ouvidas e editados sobre a nossa História, que, bem estudada e descrita, como deveria ser, é um dos mais empolgantes e impressivos capítulos da Civilização Occidental.

Dezenas de gerações discentes escutaram na palavra illustre dos seus mestres essa versão inexacta e até certo ponto pilherica, de mau gosto mesmo, da *descoberta de Cabral*.

Ha mesmo já uma rica biblioteca e uma adiposa mentalidade respeito ao caso. Fácil não será, portanto, a qualquer *herége*, modificar, alterar, ou destruir tais montanhas de potócas, especialmente com a agravante de serem elas, como de fato são, oficializadas.

Nem parece aconselhavel, nem prudente, tentar tamanho e tão temerario cometimento. As labarêdas ominosas e celestiais da Inquisição, consumiriam o *christão novo* que em tal pensasse, si ainda existisse presentemente aquella benemerita e deleciosa instituição angelica.

Os documentos históricos, as fontes autenticas da relativa verdade diplomatica, as tradições fidedignas e os manuscritos originaes catalogados nos tombos dos arquivos peninsulares das metropoles latinas de ultra-mar, jamais autorisaram a lenda cabralina da nossa *descoberta*, mesmo bombomnisada com a conversa pueril das *calmarias*.

O Brasil, talvez aquella mesma visão longinqua e mi-

tológica a que se refere CHARLES SQUIRE no seu livro *The Mythology of British-Islands*, não pode nem deve continuar como tendo sido uma invenção jurídica do Almirante Cabral, mas, sim, legitimamente, historicamente, uma gloriosa conquista, um triunfo dos maiores e melhores, talvez o máximo perante a Civilização, da doura, argutíssima e feliz Diplomacia lusitana.

Para que, então, alduerar, inverter, destruir a verdade histórica, ocultando-se aos posteros as influencias reais, os nomes laureados, as vitoriosas atitudes daqueles vultos insignes que contribuíram eficientemente com a sua intelligencia, a sua firmeza doutrinaria, a sua pertinaz convicção, a sua portentosa previsão, para um acontecimento culminante na vida da Humanidade, qual o aparecimento do Brasil no theatro geografico e social do genero humano? Si a *Historia ensina a Justiça*, conforme acertára CAMILO JULIAN, porque ensinar a Historia com o vício das injustiças?

Pois bem: já que a Historia, consoante conceituou EDUARDO PRADO, é feita de reparações salutaes e tardias justias», comprometamo-nos todos os professores brasileiros de Historia Nacional a reparar essa clamorosa iniquidade praticada contra os grandes, os notaveis, os invictos diplomatas portugueses, tão olvidados pelos nossos ingratos mestres, que negociaram com a Santa Sé, com a Curia Romana, a descoberta do Brasil, pela mobilisação de cavilosos meridianos e deslocamentos astronomicos de tendenciosas e cupidas linhas imaginarias insinuadas ao Papa ALEXANDRE VI, depois apagadas pelo Papa JULIO II e por este Pontifice, (que deveria ser considerado brasileiro honorario,) reajustada, revivescida e reavivada, 370 leguas a Oeste das Ilhas de Cabo-Verde. Isso em nada menos presaria a fama de Cabral.

Para o Brasil, para Portugal, para todos nos, seria salutar essa reparação de Justiça no Tribunal da Historia, mesmo porque, se discutimos a primasia do achamento ou conhecimento das terras do Brasil, essa, cronologicamente, será conferida aos hespanhoes VICENTE PINZON e DIEGO DE LEPPE, que aqui estiveram e exploraram vasta extensão de litoral brasileiro antes de Cabral, ou seja, em Janeiro de 1500 quando se lhes deparou o Cabo que hoje se denomina de «Santo Agostinho». Eis a verdade histórica.

COSTAFILHO.

Professor de Historia.

Literatura epistolar

Como especial deferencia academica aos seus illustres autôres, abrimos neste numero a presente secção epistolar, para estamparmos duas cartas distintas escritas por dois juristas e homens de letras.

Uma, do conhecido e acatado Mestre sergipano, jurista e juiz de elevado merito, Desembargador Libério Monteiro, honra da nossa cultura judiciaria, sobre o livro primoroso do Príncipe D. Luiz de Orleans e Bragança, intitulado SOB O CRUSEIRO DO SUL, a outra, do notavel escritor e jurista maranhense Dr. Dunshee de Abranches, sobre um trabalho de historia diplomatica da autoria do professor e advogado sergipano Dr. Costafilho. A primeira é datada de Fevereiro de 1929 e a segunda de 27 de Março de 1930, esta ultima em torno do opusculo PELA PAZ DAS AMERICAS, do historiador conterraneo e academico:

«Laranjeiras, S. C. 21—2 —1929

Meu presado amigo Costafilho:

Saudações cordeais:

Acuso sua atenciosa cartinha, de 18 do corrente, agora mesmo recebida, e muito grato lhe fico por suas lealdosas manifestações de referencia á minha saúde, que, se bem que precaria, vai todavia dando para os gastos da vida.

Remeto-lhe hoje, por portador de confiança, a sua bela e preciosa obra, «Sob o Cruzeiro do Sul», de d. Luiz de Orleans Bragança, cuja leitura, por sua nimia bondade, fiz ainda uma segunda vez, sem ter perdido os encantos da primeira. Fui além:-- para que varios amigos ouvissem, fiz-lhes a leitura do capitulo relativo á Bolivia, tão rica, com a constituição politica a mais liberal dentre todas as da America do Sul e ao mesmo tempo, tão infeliz e tão batida pelas convulções revolucionarias. Queria demonstrar a verdade daquela apostofre de um celebre advogado francez: Eu tenho visto os homens reformarem as leis todos os dias, mas até agora, ainda não vi as leis reformarem a sociedade. Pois, a Bolivia, que tem tido o maior numero de constituições e possui, atualmente, a mais liberal d'America do Sul, é tambem a Republica que tem tido os mais sa-nhudos presidentes, de que Maganejo é apenas um inefavel padrão.

Os meus ouvintes ficaram estarecidos.

Todos concordavam, porem, que D. Luiz era um escriptor de genio e que, vivo, por suas finas observações e largas vistas de estadista, seria agora um optimo candidato á presidencia da Republica. A sua historia da guerra do Paraguai, que vem no livro, é a mais clara noticia daquela tremenda luta e muito se parece com a «Historia do Brasil», que o Rio Branco escreveu em quinze dias. Ambas sinteticas, porem completas em seus factos capitais. Emfim, meu querido Costafilho, pela segunda e meditada leitura do tão magnifico livro eu só tenho que lhes mandar muitos agradecimentos, de par com um apertado abraço e votos efusivos por seu bem estar e saude. Sempre seu o tambem seu admirador, am^o. e coll^a. afetuosos

Liberio.»

«Rio, 27 3, 930.

Meu illustre collega Dr. Costafilho.

Um affectuoso abraço.

Recebi e. no mesmo dia li o seu notavel discurso
PELA PAZ DAS AMERICAS.

Commungando na mesma mente de ideias e, por essas ideias tendo começado a lutar ao lado de Rio Branco para acabar, depois de sua morte, pela renuncia definitiva ás lides politicas, é natural que o seu trabalho me deixasse magnifica impressão e merecesse todos os meus applausos.

Felicita-o assim por mais esse bello esforço patriotico e abraça-o cordialmente o seu
collega e amigo, e admo.

Dunshee de Abranches.»

O conclave das Academias de Letras

Por feliz iniciativa de um grupo de escól de intellectuaes brasileiros, á frente dele a «Academia Carioca de Letras», de que é presidente actual o illustre e indefatigavel cerebral Afonso Costa, baiano de bôa craveira mental, está sendo realisado na maravilhosa metropole da Republica, no Rio, o Congresso das Academias de Letras e outras associações literarias do Braril ao qual concorreram tambem representantes de sodalícios congeneres de outros países sul-americanos e representantes officiais de vários Estados da Federação.

Certamente, desse conclave erudito, composto das maiores, melhores e mais brilhantes expressões coletivas do Brasil mental. hão de decorrer notaveis resultados para a nossa vida literaria, artistica, social, scientifica e cultural. A nossa Academia, onde teem assento todos quantos no presente honram e glorificam Sergipe no campo da sua intellectualidade, sem distincção de credos, partidos, correntes ideologicas e doutrinarias, recebeu convite official e gentil para se fazer representar no grande e fulgurante certamen.

Afim de atender tão honroso e cativante convite, foi convocada a Academia, que, reunida na sua maioria deliberante e por voz unanime dos imortais presentes, aprovou a proposta justificada do seu Vice-Presidente,



Des. Edison de Oliveira Ribeiro

Juiz da Corte de Apelação e presidente da
«Academia Sergipana de Letras»

Dr. Luiz José da Costafilho, indicando para legitimamente representá-la, o seu noble e emerito Presidente sr. Desembargador Edison de Oliveira Ribeiro. Aceita a incumbência pelo academico distinguido por seus pares para tão alta missão, de logo foi por ele solicitada a contribuição cultural de todos os ocupantes de cadeiras academicas, para o maior realce e brilho da sua tarefa, contribuição que consistia em oferecimentos de theses dentro do programa do Congresso.

Motivos, porém, supervenientes, de ordem privada, impecêram o comparecimento, ao conclave, do nosso confrade. Pelo que, delegou ele especiais poderes para representar a nossa Academia, ali, ao eminente homem de Letras e douto vernaculista, também nosso confrade, sr. Dr. Laudelino Freire, uma das luzes da «Academia Brasileira de Letras», onde substituiu Rui Barbosa.

Está, portanto, a nossa Academia superiormente representada. Ao lado do notavel sergipano e imortal brasileiro, acha-se também, ali, representando dignamente o Estado de Sergipe, nosso talentoso confrade, o mavioso aêdo da estirpe espiritual de Tobias, Dr. José Barreto Filho, um dos representantes atuais de Sergipe na bancada federal da Camara dos Deputados.

Da ação inteligente de ambos, tudo espera a nossa Academia no iluminado Congresso.



Professor Dr. Costafilho (advogado)

Vice-Presidente da «Academia Sergipana de Letras» e Catedrático do Ateneu Pedro II

Ata

Sessão para a eleição do académico para a vaga do dr. Prado Sampaio.

Aos dez dias do mês de Novembro de 1932, reuniu-se, mais uma vês, a Academia Sergipana de Letras convocada para eleger o académico que deverá ocupar a cadeira n.º 23, vaga com o falecimento do dr. Prado Sampaio. Compareceram os srs. Carvalho Neto (presidente), Passos Cabral, Edson Ribeiro, Enoch Santiago, Exupero Monteiro, Epifanio Doria e Pedro Machado. (7) Deixou de ser lida a ata anterior por não estar presente o livro de atas. O expediente constou de officios: do diretor geral do serviço de Informação, Estatística e Divulgação do Ministério da Educação e Saude Publica; da Biblioteca Publica de Pernambuco e da Empresa B. I. G. acusando o recebimento do terceiro numero da Revista da Academia; e da Academia Matogrossense de Letras comunicando a sua instalação a sete de Setembro deste ano e enviando a lista dos membros de sua primeira diretoria. Foram recebidos ainda: um exemplar do livro «Benjamin Constant e a politica Republicana», pelo general A. Ximeno Villeroy; outro do opusculo «A Faculdade de Direito da Bahia em 1932», pelo dr. Bernardino de Souza, e outro do opusculo «Poemas» do sr. Freire Ribeiro, todos oferecidos pelos respectivos autores. Constou mais o ex-

Sr. Presidente, Srs. Academicos:

"Como agridoce estado de espiriio que eu não saberia definir, cumpro o dever de comunicar-vos hoje a minha recente nomeação de fiscal do consumo para servir no longinquo estado do Maranhão.

Corolario dela, porem, o meu consequente afastamento de vós, deste illustre convivio, e a saudade já nascente no meu coração de tudo que sou obrigado a deixar em breve, não como quem marcha sem olhar para tras seduzido pela tentação do desconhecido, mas como quem não tendo queixas do passado, ha-de recorda-lo frequentemente pelo júbilo de re-vive-lo em espirito, ao menos. Nesta hora de balanço na minha vida intelectual, em que me peço conta do que fiz durante quasi sete anos em Aracajú, sonhando e rabiscando para as gazetas indigenas, nada encontro, tenho as mãos vasias, o que se me relegou por verificar, agora, que a Academia nada perde com a minha ausencia do seu seio fecundo, por outro lado me morde o remorso de ter abusado, talvez, da vossa condecendencia, pois somente ela tem culpa do vosso engano inicial, em recebendo-me e do meu arrependimento nesta hora, em vos deixando assim sem uma demonstração de qualquer merecimento que atenuasse o vosso erro. Fui apenas dos mais assiduos e dos primeiros na linha da frente com aqueles que desejam verdadeiramente o progresso deste sodalicio, o qual está pendente na nossa vontade tão somente. Por isso, porem tão pouco e sem valia, nada sobra que meenvaideça, nem chega para um agradecimento da Academia. Não vale evocar a saudosa "Hora Literaria" de cuja resolução mais tarde, surgiu a atual Academia vitoriosa, porque para ela tambem entrei sem o valimento de muitos dos seus membros. Quero dizer, acho minguido o merito de ter sido academicos fundadores,

quando se não tenha mais nada para justificar o ingresso no aeropago como me acontece. Assim ficaria sabendo, que não sois somente talentosos e cultos, mas também boníssimos e generosos.

Por essa admiração e agradecimento que me mereceis, aceitai, pois, nesta última reunião a que assisto, entrealegre, por isso que embalado pela esperança de ser feliz e triste pela saudade que me invade o coração, que vibra ao sopro do vento mais brando, — aceitai, nobres confrades, o sentido adeus da minha despedida."

O senhor presidente fez referência á brilhante atuação que sempre teve na Academia o sr. Manoelito Campos e designou uma comissão para assistir o seu embarque e em seguida encerrou a sessão, dando para ordem do dia da sessão seguinte a eleição de academico para a vaga do dr. Prado Sampaio e outros trabalhos. Do que, para constar, foi lavrada esta ata por mim Pedro Sotero Machado, 2º secretario.

(aa) *Antonio Manoel de Carvalho Neto*

Epifanio da Fonseca Dorea

Pedro Machado.

Ata

Sessão para eleição de um academico á vaga do Dr. Prado Sampaio.

Aos tres dias do mês de Setembro de 1932, na sala de Ordem dos Advogados. ás 16 horas, reuniu-se a Academia Sergipana de Letras, presente os senhores: Epifanio Doria, Edison de Oliveira Ribeiro, José de Magalhães Carneiro, Manoelito Campos, Exupero Monteiro e Pedro Machadò (6). Ausentes os titulares dos cargos mais elevados, o segundo segundo secretario assumiu a presidencia e convidou os srs. Edison de Oliveira Ribeiro e Manoelito Campos para ocuparem as cadeiras de 1º e 2º secretario. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. Não houve expediente, por faltade numero legal; não foram discutidos os assuntos do dia, sendo o principal a eleição de academico para a vaga do Dr. Prado Sampaio, cadeira n. 23. O Sr. Manoelito Campos leu um discurso de despedida por ter de mudar-se para o Maranhão. O sr. Edison Ribeiro, n'um improvisado, referiu-se á personalidade de Manoelito Campos e formulou votos pela sua felicidade. O sr. Magalhães Carneiro pediu que fosse transcrito na acta, o discurso de Manoelito Campos, que é o seguinte:

pediente dos numeros 3, 4, 6, 7 e 9 da revista «O Momento» da capital baiana, e do numero 193 da revista Etc, da mesma capital. Passando-se a ordem do dia, o sr. presidente declarou encerrada a inscrição de candidatos á cadeira n' 13, vaga com o falecimento do academico professor Clodomir Silva, ficando inscrito apenas o Padre Alberto Bragança de Azevedo, proposto por cinco socios efetivos desta Academia. O academico João Passos Cabral leu brilhante trabalho sobre o joven intellectual patricio Teonas Alves Pereira, tão cedo afastado da vida, do convivio das musas e da imprensa a que tanto se dedicava. O orador foi muito aplaudido. Não havendo numero para deliberações, por isso que só se reuniram sete socios efetivos o sr. presidente encerrou a sessão, mandando convocar outra sessão para sabado, 19 do corrente, continuando, na ordem do dia a eleição para preenchimento da cadeira n' 23 e outros assuntos já incluídos em sessões anteriores. E para constar eu, Pedro Sotero Machado, 2' secretario, lavrei a presente ata.

(aa) *Antonio Manoel de Carvalho Neto*

Epifanio da Fonseca Dorea

Pedro Machado

*Composta e impressa na Sessão de Artes Graficas da Escola
de Aprendizizes Artifes de Sergipe — ARACAJU 1936*